

Ventos Nômades

contos



MANUELA MARQUES TCHOE







EDITORIA PENDRAGON

Ventos Nômades contos

MANUELA MARQUES TCHOE

Todos os direitos desta edição reservados à Editora PenDragon

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa
Mirella Santana

Revisão
Nadja Moreno

Diagramação
Rafael Sales

Editor Gráfico
Ricardo Gonçalves

Coordenação Editorial
Graci Rocha
Priscila Gonçalves

CIP-Brasil. Catalogação na Fonte.
Renata Brito dos Santos CRB-8/9773

869.93 Marques, Manuela
M357v Ventos nômades/Manuela Marques _ Rio de Janeiro: Pendragon, 2018.

ISBN
978-85-9594-042-0
1. Literatura brasileira 2. Contos I. Título.

CDD: 869.93

869.93 Marques, Manuela
M357v Ventos nômades/Manuela Marques _ Rio de Janeiro: Pendragon, 2018.

ISBN
978-85-9594-042-0
1. Literatura brasileira 2. Contos I. Título.

CDD: 869.93

Rio de Janeiro – 2018, Rio de Janeiro.

É proibida a cópia do material contido neste exemplar sem o consentimento da editora. Este livro é fruto da imaginação do autor e nenhum dos personagens e acontecimentos citados nele tem qualquer equivalente na vida real.

Direitos concedidos à Editora Pendragon. Publicação originalmente em língua portuguesa. Comercialização em todo território nacional.

Formatos digitais e impressos publicados no Brasil.

Sumário

[Sumário](#)

[Milagres na praça do rei](#)

[Tempestade de areia](#)

[A dançarina de pedra](#)

[Meia-noite na fronteira](#)

[Quando me deixei levar pelo abraço do mar](#)

[À sombra da cerejeira](#)

[O vermelho de todas as coisas](#)

[Olho no olho, polvo com repolho](#)

[O anel de Salomão](#)

[Milagres na terra dos Orixás](#)

[Agradecimentos](#)

Para Eduardo
Minha inspiração maior, o meu legado

*“Liberdade de voar num horizonte qualquer,
liberdade de pousar onde o coração quiser.”*

Cecília Meirelles.

Milagres na praça do rei

Tudo o que eu mais queria era comer água pra afundar a saudade, uma saudade arretada que me inundava ao ver aquele céu cinza de todo santo dia. Vixe Maria, o sol mal conseguia sair de detrás das nuvens espessas... Logo hoje e principalmente hoje, dia de Iemanjá! Todo dois de fevereiro eu caminhava até a prainha do Rio Vermelho cantando a famosa música de Caymmi e nas pequenas ondas eu colocava meu balaio cheio de flores perfumadas, tudo pra agradar aquela deusa caprichosa. Mas ai de mim! Esse é o meu primeiro ano longe, e justamente agora me encontro nessa terra de gente eficiente e calada que é a Alemanha, um lugar que sempre sonhei conhecer, mas que ficava empurrando com a barriga. O tal desejo de explorar o mundo, o *Wanderlust*, me enchia de sonhos em terras distantes, mas o lugar onde nasci me prendia, me pedia pra ficar como uma fitinha do Senhor do Bonfim no pulso.

Mas quando a oportunidade de sair do meu mundinho apareceu, foi um escarcéu no peito, porque por mais que minha cabeça soubesse que estudar em Munique tinha o seu lugar no meu futuro profissional, meu coração tava dividido pra cacete. Como sair da Bahia justamente na estação mais calorosa, que começa com a procissão do Senhor do Bonfim até o Carnaval? Oxe, impossível imaginar...

Assim que desembarquei, fui descobrindo pequenas coisas, como o arzinho que sai da boca com o frio não é balela de filme da Sessão da Tarde, que nem é preciso acenar pro motorista do buzú pra ele parar o veículo no ponto designado. Não, meus queridos! Alemanha é terra de gente eficiente, onde tudo funciona, a bagunça baiana aqui não tem vez, não senhor! Não é que os germânicos ficam paradinhos quando o sinal de pedestre tá fechado, mesmo sem carro passando eles ficam imóveis como estátuas? Algo impensável pros baianos, nordestinos... enfim brasileiros em geral, que podem não ter a mesma velocidade em muita coisa mas têm grande impaciência quando a questão é atravessar a rua.

Cheguei aqui em meados de setembro, ainda peguei uns dias claros que ficavam mais curtos com o passar do tempo, o cinza tomando conta do céu e o tal arzinho que saía de nossas bocas mais parecendo uma neblina. Primeiro tudo foi fascinação na capital bávara, muitas cervejas tomadas pra espantar o frio de congelar os ossos, principalmente porque a cerveja vem numa caneca tão grande que fica quente, vira uma questão de hábito tomar cervia aquecida. A Oktoberfest tava rolando, o alemão soltando a franga, a gente tilintava as canecas olhando no olho (senão dá azar) e gritando *Prost!*. A estrangeirada toda fingia cantar o que depois se tornou minha música preferida do festival, "*Wir lieben das Leben, die Liebe und die Lust wir glauben an den lieben Gott und han auch immer Durst*", justamente porque a canção fala do amor à vida, ao amor e a Deus, mas também à constante sede que juntava esse povão todo na festa da cerveja.

Baianos e bávaros unidos na fé e na farra, no fim das contas.

Passada essa micareta bávara, conheci o centro de Munique, a Marienplatz, o rio acanhado que corta a cidade, a arquitetura de contos de fada sempre presente. O pessoal mais tímido com aquele ar hipnotizado pelo celular ou pelo jornal nos passeios de metrô, ninguém conversando com ninguém, sem o conversê de fila de banco que se vê no Brasil, onde segredos mais sórdidos são revelados a estranhos.

Tudo *fantastich* até então. Tava eu solto na buraqueira depois que Arlete rompeu o namoro de tanto tempo comigo. Meio melancólico eu ainda me pego com saudade das curvas da mulher e da pele chocolate, dos olhos negros e da bunda remexendo de um lado pro outro com o samba de domingo. Tomar tenência na vida era preciso, gozar da solteirice, mandar a solidão se lascar! Tinha que aproveitar o jeito mais avançadinho das bávaras, que sabem dar o primeiro passo pra um rala e rola, ao contrário das brasileiras, sempre fazendo um doce retado. Não sei o que prefiro, a iniciativa das germânicas ou a dificuldade falsa das brasileiras, mas a questão é que acho as tais *Fräuleins* daqui meio aguadas, galegas desprovidas de bunda que não me atraem. Bonitas até são, mas daquele jeito top model de revista. Queria mesmo era uma neguinha nos braços, a morenice do sol na minha pele... ô saudade! Procurei por cura da saudade e do amor, mas apenas as cervejas e as poucas viagens tiravam minha mente dessas preocupações mundanas.

Meu amigo Jair, paulista, vive me dizendo que eu só apronto baianada, que eu preciso curtir isso e aquilo, o filho de uma égua. Tem razão o homem até certo ponto, oxente! Se comportava o homem como o rei da cocada preta, tirando onda de exótico pra pegar as belezas bávaras de jeito, enquanto eu ficava sempre a segurar vela, mesmo que eu fosse muito mais exótico que aquele branquelo. Até numa sauna Jair me carregou após descobrir que a galera vai nuinha pra lá, e lá vimos uma coleção de paus e xoxotas de todos os tipos, todo mundo numa boa, *einfach so...* enquanto nós dois, tabaréus com os costumes locais, mal conseguíamos desviar o olhar dos genitais dos outros e parcamente controlávamos ereções com meras toalhas. Ô assanhamento! Ô vergonha!

Mal conseguia conversar naquela língua de cão, e olha que expressivo sempre fui, mas era um tal de decorar as milhares de regras gramaticais, os artigos de cada palavra, dativo, acusativo e genitivo, Jesus tenha piedade! Os verbos teimavam em se localizar ao final das frases, era como se eu dissesse *eu quero uma cerveja gelada na minha caneca tomar*, essa nova forma de falar exigia enorme concentração. Quando comecei a me acostumar, desenvolvi um hobby inusitado, que constituía em contar quantas letras as palavras gigantescas do alemão tinham, de *Freundschaftsbezeugung*, as demonstrações de amizade invocadas por Jair, até a mais longa delas com o recorde de 63 letras, chamando-se *Rindfleischetikettierungsüberwachungsaufgabenübertragungsgesetz*, um sintoma de gente

obcecada com precisão milimétrica. Procurava pronunciar essas palavras, minha língua se embolava todinha no processo, até me perder no meio delas e começar de novo. O máximo que consegui foi *Umverschämtheit*, meras quinze letras significando vergonha, um sentimento que me perseguia desde o episódio da sauna.

Os dias passavam corridos e encurtavam, eu me pegava pensando como as vinte e quatro horas tinham se reduzido pra quinze ou vinte, pois o sol mal dava as caras. Eu procurava cair na muvuca a cada oportunidade pra esquecer da saudade, que aumentava a cada telefonema com mainha ou fotos compartilhadas dos amigos revelando o bronze da praia, a cerveja gelada, o camarão frito, a moqueca. Passei o Natal num bar de quinta, regado a cerveja e joelho de porco com Knödel, um nhocão onipresente assim como o feijão insiste em nos acompanhar a cada refeição.

Fora algumas gororobas devoradas no mercado de Natal, que achei massa mas que desejava dividir com alguém especial, fiquei um tanto desmilinguido de saudade, um trapo humano como diz mainha, automaticamente me levantando da cama pra ir às aulas do meu intercâmbio que, depois aprendi, poderia ter faltado sem problema, só dando as caras no dia da prova. Ai, ai, ai, se eu soubesse... só que se filasse aula adoidado provavelmente ficaria o dia inteiro de maresia naquela casa merrequinha, vendo a neve cair sem piedade, os flocos crescidos não mais me deixando feliz como a primeira vez que um floquinho aterrissou na palma de minha mão. Ninguém da minha família tinha visto neve, nem uma só vez na vida, e quando contei ficaram imensamente orgulhosos de mim como se eu fosse o próprio São Pedro e tivesse o poder de fazer nevar, o membro da família mais viajado. Uma chiqueza só!

Depois do Natal tudo pareceu murchar de vez, a universidade tava de vento em popa e todo mundo só pensava nos malditos testes, um estresse sem pé nem cabeça e *mein Gott*, não queira ver jamais um alemão enervado em sua vida que vira um bicho brabo, as frases cada vez mais monossilábicas. Era um tal do povo se mandar para as bibliotecas e cafés, grupos de estudo e tal, *por isso é um povo tão avançado*, pensava, a gente acostumado a dar sempre aquele jeitinho na prova... Talvez fazemos as coisas muito nas coxas mesmo, e aí tudo continua aquele cacete armado que é o meu amado Brasil, porque quem estuda é considerado mané enquanto em terras germânicas é o contrário, mané é quem não estuda e fica pra trás. Me pegava pensando, e sem nada melhor pra fazer naquele tempo triste caía de cabeça nos estudos até ficar zonzó, números e teorias me pegando de jeito.

À beira do Carnaval tive outro momento de desencanto. Jair veio correndo dar trela pra minha infelicidade de imigrante temporário, trazendo as cervejas de praxe pra acalmar o coração. Também ele já tava meio abestalhado de saudade, tristonho pra dedéu com a neve insistente, e olha que em São Paulo até bate um friozinho de vez em quando. Nós resolvemos tomar tino e saímos pra passear pela Königsplatz, ou praça do rei, com algumas construções que mais

pareciam saídas de Atenas. Quando vimos tinha ali uma batucada, uma galera remexendo as cadeiras, o pessoal todo fantasiado das coisas mais surreais como cachorro quente e tartaruga ninja, o povão num auê retado. Bem no meio da sociedade bávara um pedaço de Bahia, vixe Maria! Não importava o frio de repente, a neve não incomodava mais, o vento ártico fazia graça com nossos cabelos, enquanto o álcool ajudava a manter o calor dos corpos, roçando uns nos outros, cada vez mais juntos.

Então eu a vi, ê lelê! Tava lá uma coelhinha rosa com grandes orelhas sorrindo enquanto se encachaçava, as mãos levantadas com o ritmo do batuque. Mal dava pra reparar quem ela era, mas tava num frenesi que só vendo, uma alegria de viver independente de sol e calor, como se o tempo não tivesse nenhuma influência sobre sua felicidade assim como tinha pra minha, uma sabedoria que não espera a chuva passar. Minha vida inteira tinha sido uma sequência de sol e mar e calor, não conhecia outra coisa, não sabia viver a beleza das quatro estações. Inimaginável, eu digo, impensável mesmo, mas vendo o calor da menina que, notava-se então, era a mais típica alemã, meu coração se fez vítima de uma taquicardia porreta. Seu sotaque bávaro mal me deixava entender qualquer coisa, subitamente mais sexy que francês ou italiano, as línguas universalmente conhecidas como as mais sensuais do mundo, mas não! Era o bávaro naquele arrasta-pé de palavras germânicas ininteligíveis.

Num piscar de olhos era na minha direção que ela mirava, depois de tanto encarar a moça alguma energia a fez virar o pescoço e notar minha presença de varapau moreno. Ela veio, arretada num rebolado ao som da zuada cada vez mais alta com a multidão, minha garganta seca de supetão e nem de Arlete me lembrava mais, os olhos azuis da moça fitando os meus sem timidez, apenas a alguns metros de distância, mas que pareciam quilômetros, a cena quase como em câmara lenta, lá vinha ela. Com um olhar apenas, certezas desabaram por terra, revertério total! *Achtung*, perigo à vista, minha cabeça alertava, que poder que essa galega tem! Se antes meu coração mais parecia uma caatinga, seco e sem vida, veio uma chuva intempestiva trazendo esperança, vida nova para a aridez que meu peito carregava.

Saudade passou, auto-piedade passou, Jair disse umas ozadias que graças a Deus a gringa nada entendeu, e me deixei sucumbir ao doce da sua boca, seu nome ainda desconhecido, ê lasqueira! Ali fiquei, pela primeira vez sentindo o verdadeiro sabor da Alemanha. Minha cabeça dizia que era uma ideia de jerico, já já tava retornando a Salvador, mas como negar que essa alemoa me pegou de jeito? Um olhar apenas, um olhar apenas, milagres na praça do rei, quem diria...

Tempestade de areia

O vulto de alguém que conhecia de outros tempos passou de súbito ao meu lado, seu sotaque visceral árabe como um tiro à queima-roupa. Ele não percebeu minha presença de imediato, assim como há muitos anos mal havia me notado quando fomos apresentados. Já não era mais aquela jovem de quinze anos passados; meu corpo estava mais redondo, meus cabelos menos crespos. Também ele tinha crescido em volume, cabelos levemente grisalhos destoavam de um rosto que parecia ter congelado no tempo. Amadurecido, mas ainda jovem. Era ele, versão mais plácida do rapaz egípcio para quem havia entregue coração e alma. Quase uma miragem.

Meus pés estavam indecisos do que fazer. Fugir? Ficar? Procurava por alguma saída daquela cilada, não queria confrontar os fantasmas de um passado morto e enterrado, anos perdidos, confusos. De canto de olho, ainda me perguntava se era ele mesmo, o que fazia numa conferência de tecnologia em Barcelona, que segredos o destino queria revelar com essa aparição, não mal-assombrada, mas inconveniente como um vaso que cai e quebra, despedaçando-se em milhares de cacos no chão. Envoltos em perguntas, finalmente ele me enxergou. Era ele mesmo, Farid Ahmad.

— Roberta? – perguntou ele, tão estupefato quanto eu.

Sorri, mal conseguindo formar uma palavra sequer, minha boca apoderada de um silêncio incômodo. Possuído pela formalidade que vigora nas relações entre homem e mulher, me ofereceu ele sua mão. Toquei-a, grande e com a mesma textura de antes, a cicatriz de uma queimadura daquela época ainda visível, nossas mãos unidas por longos segundos, nossos olhos encontrando-se em meio ao burburinho que não mais ouvíamos.

Lembrei-me com clareza da primeira vez que avistei Farid numa conferência estudantil. Mais alto que todos os presentes, ar de intelectual com seus óculos de aro preto e cabelos rebeldes, ele mal me notou quando fomos apresentados, na época de namoro com uma moça de Porto Alegre. Até começarmos a conversar numa noite cheia de festa e luar, seu braço de relance tocando o meu, uma química irresistível atravessando nossos corpos como flechas certas. Assim que o relacionamento com a gaúcha terminou veio ele confessar um amor que cegava, dois corações bombeando não só sangue, mas sublimes sentimentos. Tornamo-nos reféns de uma paixão avassaladora que ignorava óbvias diferenças em como enxergamos o mundo, conflitos explosivos que eram tapados com beijos e promessas de amor eterno, e que dizimava contas bancárias com viagens para sustentar o namoro à distância e extensos telefonemas na madrugada.

Num dos nossos raros encontros, Farid me pediu em casamento e eu aceitei, uma aliança de metal vagabundo colocou ele no meu dedo, mal dando importância às preocupações de familiares e amigos. Assim era Farid, apaixonado pela ideia de estar apaixonado, do amor

impossível, como se quisesse ele jogar todas as regras e expectativas ao vento, sopros que as carregariam para longe, ainda sem compreender que eventualmente a mesma brisa as traria de volta, renovadas, cobrando juros e correção monetária pelo atraso em cumprir as promessas que batiam à sua porta.

— Quanto tempo... – Farid disse, breves altos e baixos na voz perceptíveis. – Como você veio parar nessa conferência? Nunca pensei que curtisse tecnologia...

— Não curto, é apenas... trabalho – justifiquei de qualquer jeito. – Também eu não sabia que tecnologia seria o seu caminho... você não queria trabalhar na ONU?

— É, as circunstâncias fazem a gente mudar. Logo depois de nos separarmos – ele disse, escolhendo as palavras com cuidado –, encontrei a Maryam, e... nos casamos alguns meses depois. As responsabilidades mudam depois do casamento.

Minha amiga Joana, que tinha morado no Egito e era a maior *cheerleader* do nosso relacionamento, me deu a notícia de que Farid havia se casado com a tal de Maryam, apenas um mês após conhecê-la. Foram exatos quatro meses depois de acabarmos nosso noivado, não *alguns* meses! Na fotografia enviada por Joana, vi o rosto da minha rival; assim como eu, também ela tinha o cabelo curto, minha marca registrada na época. *Parece com você*, Joana me disse no mesmo e-mail, completando a trágica notícia. *Pequeno consolo*, pensei enquanto lágrimas rolavam rosto abaixo, uma torrente que demorou para encontrar calma.

Aceitação veio depois de muito tempo. Ádua luta, como um mantra repetia as dificuldades do relacionamento, as diferenças que tornaram-se gritantes, impenetráveis. Inconscientemente sabíamos que o maior combustível daquela paixão fora justamente tais diferenças, tão sedutoras para nós dois. Por um lado, me fascinava com as histórias de um país longínquo e de passado glorioso, o mistério de pirâmides e paredes cobertas de hieróglifos, o árabe cochichado ao pé do meu ouvido, até suas leves contradições religiosas que o proibiam de comer carne de porco, mas não o detinham de consumir álcool.

Às vezes dava-me a impressão de que ele queria se aproximar da liberdade de expressão e de corpo que o brasileiro tem, o rebolado natural de cada andar, o toque de pele sem pudor, o idioma latino saboroso, pausado como promessa no altar. Ambicionava chegar perto dessa liberdade, mas era apenas até certo ponto que conseguia, suas raízes detendo cada tentativa de chegar perto demais, o risco de corrompê-lo um fantasma presente. Também eu, mesmo diante de toda fascinação com a cultura exótica, sentia o peso de ser apenas uma coadjuvante de minha própria vida, uma assombração que não me deixava mergulhar de cabeça naquele relacionamento. Fadado era aquele romance, sem chance, mas lutávamos porque na ingenuidade jovem o amor tudo conquista. Teimosos, isso éramos.

— E você? – perguntou ele, sua mão ainda na minha, me guiando para um lugar mais tranquilo.

— Também casei, mas não estava com tanta pressa quanto você – respondi com um sorriso falso, acusação velada. – Me casei com um japonês, hoje temos um filho.

— Você se casou com alguém mais exótico ainda? – ele disparou, estupefato.

— Nem todos os relacionamentos entre duas culturas estão fadados ao fracasso – afirmei, a frase tão clichê que poderia ter saído de um livro vagabundo de autoajuda.

— É, nosso relacionamento não era mesmo para dar certo, não é? E nós tentamos por tanto tempo... não era justo que somente você se adaptasse ao meu modo de viver.

— Quando te visitei no Egito você não era o mesmo Farid por quem me apaixonei – desabafei, não controlando as palavras engasgadas na garganta por tanto tempo. – Todos aqueles conflitos por bobagem... Se lembra quando me deu o Alcorão de presente para que eu entendesse mais sobre o Islã, e eu o li quase o dia inteiro enquanto estava menstruada? Você ficou tão bravo quando te contei, gritou que eu estava impura e não podia tocar o livro sagrado... Nesse dia tive medo de você.

— Eu lembro, claro. Estávamos na casa de meus pais em Alexandria – falou ele, amargo. – Aquele era o Farid real, aquele que você conheceu no Brasil... era o Farid que eu poderia ser, que eu *queria* ser – enfatizou ele –, a verdade é que nunca consegui me libertar das expectativas que me foram impostas. E por isso...

— Por isso você se casou com Maryam. Porque ela atendia essas expectativas...

Ele confirmou com um gesto, a força do aceno de cabeça equivalente a uma rocha que tudo esmaga. Foram-se os tempos em que nosso amor estava acima das diferenças que, na verdade, não eram tão importantes assim quando estávamos juntos. Não entendia como casais deixavam relacionamentos desmoronarem na intolerância dos costumes do outro; quantas vezes ouvi os argumentos entre dois amigos queridos – ela, israelense e judia; ele, italiano e católico – sobre o que fazer caso tivessem um filho. Ela exigia a circuncisão, ele achava tal procedimento uma barbaridade, ambos jamais concordando um com o outro, até inevitavelmente o amor rachar, consumir-se por dentro. Na época tinha essa certeza ingênua de que nosso amor não chegaria a esse ponto; porém, quantas vezes também eu não cedia para não dar a Farid o constante gostinho da vitória? Batia o pé, brigava para saber que ainda era eu ali, não apenas um reflexo no espelho que nada mais tinha a ver comigo.

Quando o visitei no Egito tive ainda mais garra para me posicionar contra tudo o que não concordava, intenção inconsciente de quem quer se agarrar à sua identidade. A diferença nele, quando o vi no aeroporto de Sharm El Sheikh, relutante de me dar um mero beijo depois de meses ausentes, parecia-me gritante. Alguma coisa nele havia mudado drasticamente, a leveza de espírito pela qual me apaixonara dava lugar a um estado de alerta constante, preocupação assombrando seus gestos. Desejava mais que tudo beijar sua boca no reencontro, mas ele cochichou um *aqui não* impaciente me fazendo perceber o quão inadequado seria beijá-lo em

público, quase um grave atentado ao pudor. Ainda não entendia ao certo as mudanças que emanavam dele como um perfume forte, e contentei-me em segurar suas mãos envolvendo a minha, assim como neste inusitado encontro.

Por um momento era como se me encontrasse numa tempestade de areia, sentidos tomados por um turbilhão de grãos trazendo lembranças que havia enterrado nos confins de meu coração, de repente acordadas de um sono profundo, como se sacolejadas com o gingado de um camelo. Me recordei da tenda onde dormimos no meio do Saara a caminho do oásis de Siwa, guardados por beduínos curiosos com nossa atividade noturna. Novamente senti a textura das pirâmides sob minhas mãos, o burburinho dos bazares do Cairo, o passeio pelo Nilo, as águas cristalinas do Mar Vermelho. Revivi as conversas depressivas com Samiya, a mãe de Farid, sobre a minha ida certa para o inferno devido à minha recusa de me converter ao islamismo, mesmo que sempre me emocionasse com a chamada para oração cantada pela voz penetrante de um Imam ainda de madrugada. Lembrei da luz dourada de fim de tarde convergindo nas montanhas arenosas do Sinai, assim como a generosidade de Abd El-Samad, na época meu sogro, rebatendo as críticas de sua esposa com minha pronúncia abominável do árabe. Um filme de recordações acariciava cada célula minha, recordações que palpitavam, impacientes e inalteradas pelo tempo.

O cenário e conversas não tinham tanta importância quando me lembrava do toque delicado da mão de Farid, seus beijos calmos na minha boca, suas breves visitas no meio da noite enquanto seus pais dormiam no pequeno apartamento em Alexandria, das noites de paixão num quatinho de um amigo no Cairo. Senti falta daquela conexão que demorou a chegar após nossa separação, por muito tempo depusitei tolas expectativas em relacionamentos superficiais, sintomáticos de uma insanidade mental temporária e de uma constante procura por algo perdido em improváveis lugares como uma tumba de um faraó no meio do deserto, sem nunca conseguir chegar perto do que o coração tanto almejava.

— Como seria se tivéssemos persistido? – perguntei sem desviar dos seus olhos negros, mais cansados que antes.

— Não sei, Roberta. Talvez tivesse acontecido a mesma coisa, talvez estivéssemos juntos, mas infelizes. Ou felizes, quem sabe, se nós dois tivéssemos nos encontrado em outro momento de nossas vidas. Como agora, mais velhos, mais sábios.

— E presos a outras coisas, outras pessoas...

— Casamento, filhos. Obrigações... – filosofou ele, seu olhar triste.

Caminhamos sem destino certo, os estabelecimentos comerciais de Barcelona em sua maioria fechados para a siesta, a rua estreita que ligava Las Ramblas até o bairro gótico deserta. Em silêncio serpenteávamos as ruas antigas, Farid tomando minha mão na sua, meu coração pulando como uma adolescente. Toque, textura, taquicardia. Fixava meus olhos na arquitetura medieval como desculpa para não encará-lo, as memórias relembradas dando passagem às

expectativas. O que o destino reservava para nós? Por que havíamos nos encontrado novamente? Perguntas fluíam, gritavam para serem ouvidas.

Um pátio repleto de laranjeiras nos recebeu, a sombra das árvores convidava para aliviar o peso de um silêncio teimoso. Se foi o aroma cítrico que trouxe leveza não sei dizer, histórias saíam de nossas bocas com a mesma facilidade que um dia nos amamos, segredos compartilhados no vaivém de vidas brevemente intercaladas. Não havia mais o constrangimento de outrora, cada detalhe de nossas vidas expurgado como confissões através do toque de nossas mãos, como tudo havia começado, como deveria ser.

Impossível não me perguntar se pertencíamos um ao outro, mesmo sabendo que ele jamais seria meu. Amor platônico era simplesmente, algo que resistia ao tempo, mas não às expectativas da vida, que nos preenchia de alguma forma, mas que jamais poderia ser realizado completamente. Não que isso significasse desistência do sentimento, que como um eco eterno ainda persistia de alguma forma, mas este havia se modificado para algo menos exigente e intolerante. Era como se quiséssemos preservar o amor ao invés de deteriorá-lo com a expectativa de vivê-lo plenamente. Ou talvez já tivéssemos vivido esse amor de forma tão plena que nada havia mais nele a não ser algo abstrato. Era difícil dizer, analisar a dimensão do sentimento que desejava retornar com a mesma força do caos de quando passado e presente colidem. Era doloroso, porém também trazia alívio, pois percebi que mesmo perdida no labirinto de um amor impossível por tanto tempo, aos trancos e barrancos havia descoberto uma saída.

Ao pé da laranjeira nos olhamos uma última vez, sem demasiado apego a princípios nos aproximamos, sua respiração ao meu alcance. Como num sonho bom, toquei seu rosto, senti seus lábios nos meus, deixei minhas mãos perderem-se por um momento. Toque, textura, taquicardia, não mais tempestade, tranquilidade conquistada. Poucos segundos de uma intimidade que transbordava em significado, perguntas que se calavam, satisfeitas. Sob a leveza das laranjeiras nos satisfizemos com aquele breve encontro e andamos em lados opostos, uma nuvem de esperança renovada de que um dia o destino nos uniria mais uma vez.

A dançarina de pedra

À procura de mais um templo escondido, Guilherme imaginava-se como um arqueólogo à beira de descobrir algo inesperado. Enquanto passeava pela selva de Angkor, onde milhares de santuários cambojanos esperavam para serem revelados, ele deixava se levar pela fantasia de desenterrar algum templo perdido, um sentimento adolescente correndo solto em suas veias como um elixir da juventude. *Talvez seja uma daquelas crises de meia-idade...*, pensou ele em voz alta, sem constrangimento de que alguém o ouvisse, sorriso esboçado na boca.

Nessa comoção que o perseguia, ao invés de dar vazão a carros importados Guilherme simplesmente largou tudo num impulso, decidindo percorrer caminhos extraordinários. Anos que passara trabalhando sessenta, setenta horas por semana, sem tempo para a esposa frustrada ou amigos exigentes, sempre nervoso com o próximo prazo, obcecado em guardar dinheiro para o futuro. Lembrava-se e ria com gosto dessas recordações, como se visse um filme sobre a vida de outra pessoa, uma vida passada, outra encarnação. *Quem foi esse homem que um dia possuiu o seu corpo, pelo amor de Deus?* Olhou para o céu encoberto e soltou uma gargalhada que só os mosquitos da selva poderiam ouvir.

Um pequeno templo apareceu em sua frente quase como mágica, deusas de vários braços entalhados na parede indicando os mistérios do Mahabharata, histórias hindus reveladas. Jamais saberia o nome do santuário, pois Guilherme seguia sem intenção de acumular informações inúteis que só ocupavam espaço em sua cabeça. Seria Spean Thmor ou Prasat Kravan? Importava mesmo saber? Queria se desprender da coleção de nomes do que visitou ou de onde esteve, certo egoísmo em não querer compartilhar os segredos desvendados em lugares improváveis com outrem, como se a beleza capturada por seus olhos fosse propriedade sua. Talvez preferisse apenas evitar que um dia sua esposa utilizasse de suas experiências para contar vantagem em mais um de seus jantares enfadonhos, aquela mania de ostentar repentinamente parecendo-lhe tão estranha. Seu estômago embrulhava-se só de pensar.

Não era esse o propósito de ter deixado uma vida inteira para trás, de arriscar tudo, de dar uma guinada que ninguém parecia compreender. Almejava apenas sentir a energia de cada lugar, à procura de algo. Talvez se sentisse uma vibração diferente, até poderia achar o nome para depois conseguir voltar, mas no geral não se importava em entender a arquitetura, o nome, o que acontecera ali. O vento milenar atravessando as colunas era o seu objetivo, inalar o incenso onipresente que de alguma forma unia os cheiros da natureza, sentar-se no chão onde algum monge sábio descobrira o segredo do universo. Não, não estava ali como turista apenas; sua jornada era interior, de caráter quase espiritual, apesar de praticamente não acreditar no além ou coisas fantásticas. O que se passava dentro dele nem Guilherme entendia ao certo, apenas que

seus pés estavam inquietos numa constante procura por novos caminhos.

Depois de meses sem conseguir dormir direito, rolando na cama sem pregar os olhos com os prazos e as preocupações corporativas, o estranho aconteceu. Aos trinta e cinco anos, ainda jovem e disposto, Guilherme não conseguia respirar. No meio da madrugada o ar lhe faltou, o coração batia acelerado sem motivo, as mãos tremiam, o pavor tomou conta. A ambulância do plano de saúde caríssimo foi acionada, os paramédicos sem explicação do ocorrido. Não era enfarte nem problema pulmonar, mas por precaução queriam levá-lo ao hospital. Guilherme recusou-se, afinal tinha uma reunião essencial no dia seguinte, algo que mudaria o rumo da empresa e de sua carreira, quem sabe. O ciclo de pressões inúteis continuava, dia após dia, imperdoável. Envelhecido antes da hora; até o tempo parar e o levar para longe, o mais longe possível, como se a distância em si curasse seus males.

Em meio ao vaivém de lembranças, sentou-se no chão do templo sem-nome, cheiro da mata alcançando seus pulmões com facilidade, sua boca seca ansiando por água de coco com gelo de proveniência duvidosa. Olhos apertados, recordou-se de sua longa jornada até o Camboja, nenhum lugar satisfazendo seu desejo de encontrar a si mesmo. O caminho de Santiago trouxe-lhe certa paz, cada passo dado mostrando que sofrimento era parte de seu longo caminho, dias compridos, silenciosos, histórias de peregrinos que, como ele, estavam à procura do intangível em algo que se pode tocar. Albergues simples enterraram a antiga necessidade de estar sempre limpo e arrumado, revelando um Guilherme muito mais relaxado, feliz até. Não precisava da bagagem de coisas fúteis, não se deixava mais irritar por problemas de primeiro mundo.

Mesmo com essas doces mudanças, sua busca renovava-se a cada nascer do sol. Pelo que procurava, entretanto? Não dizem por aí que paz e felicidade vêm de dentro? Sua esposa tentava entender, a cada mensagem ou ligação deixava claro que o largaria de uma vez, uma ladainha sem fim. Não queria ser injusto com ela, pois o remorso de deixá-la ainda o corroía, mas simplesmente aconteceu, suas pernas levando-o antes mesmo de seu cérebro processar suas ações. Sua vida, seu relacionamento, tudo era como uma água lamacenta sem visibilidade. Precisava novamente nadar até a superfície, respirar. Tomar fôlego. Só assim entenderia o que estava fazendo de sua vida.

As respostas que Guilherme tanto precisava não estavam em Santiago de Compostela. Ao final de sua jornada, também ele participou da missa dos peregrinos, também ele se emocionou, também ele colecionou todos os carimbos. Fora um peregrino oficial, com certificado e tudo, porém tudo parecia muito *oficial* para o seu gosto. Poderia ele ser um peregrino sem aquele monte de carimbos? *Não preciso dessa burocracia para uma jornada espiritual*, refletiu. Não precisava colocar fotos online. Selfies, para quê? Ansiava por se livrar dessas imposições de aparentar felicidade, de colecionar souvenirs para mostrar aos outros. Bagagem pesada, para

quê? Não era dessa forma que queria proceder, e num rompante jogou certificados e carimbos no lixo, certa dó no coração ao se despedir de símbolos do que considerava de uma vida passada. Deu as costas a essa bagagem excessiva, leveza invadindo-o como um balão solto no céu.

As lembranças que teimavam em vir foram substituídas por uma ideia leviana, tomando forma até chegar no Ta Prohm, templo famoso por suas grandes árvores com raízes embutidas nas paredes antigas, simbiose entre criações humanas e divinas. Raízes graúdas fundiam-se às paredes, amontoavam-se em tetos, espalhavam-se pelo chão. Maravilhado, Guilherme tirou uma foto, pretendendo registrar o surreal. Impossível era capturar tal magnificência, logo percebeu.

Aventurou-se por dentro do templo, que não captava a luz do lado de fora. Esculturas de Buda e oferendas adornavam alguns cantos, incenso forte deixando-o um pouco confuso. Um monge o olhava com intensidade, até Guilherme de repente notar que interrompera uma oração. O homem de vestes laranjas sorriu, juntou as mãos e abaixou a cabeça levemente, Guilherme agradecido com sua atitude.

Intrigado com a imobilidade dos monges enquanto os turistas deixavam o santuário para retornar aos seus hotéis cinco estrelas, a tal ideia tornou-se resolução. Por que deveria ele seguir o horário de funcionamento de Angkor como todos os outros? Seu espírito coçava-se em antecipação à possibilidade de aventura, de ser impulsivo e inconsequente. Estava farto de seguir regras, apesar de já ter quebrado tantas desde que largara tudo na tarefa de se encontrar. Talvez o ar abafado da mata mexesse com sua cabeça, necessitado ele estava de cometer alguma loucura que o revigorasse, o fizesse sentir-se vivo. Decidiu, de supetão, passar a noite em Angkor Wat, o maior e mais sagrado templo do antigo império Khmer. Queria sentir a energia pulsante de Angkor sem aquela cambada de turistas chatos.

Embrenhando-se novamente entre árvores, tomou o caminho de Angkor Wat. Queria chegar logo, mas deveria tomar cuidado para não chamar a atenção de guias ou locais que pudessem expulsá-lo da área de santuários. A verdade é que Guilherme não conseguia mais se imaginar sozinho em um restaurante turístico em Siem Reap comendo salada de mamão ou à beira da piscina em seu hotel. A aventura já corria em suas veias, a antecipação deixando-o eufórico como uma criança levada.

O dia aos poucos cedia passagem ao manto da noite, o céu laranja, vermelho e amarelo marcando seus passos. O horizonte mostrava as cinco torres de Angkor Wat, cinzas da rocha original, amplamente ornamentadas da base até o pico. O sol se escondia atrás da mais alta torre, derramando seus raios como se o astro abençoasse o templo. Por um momento, Guilherme parou para ver o espetáculo, seus olhos capturando cada segundo. Com o baixar do sol, o silêncio pronunciou-se, às vezes sendo interrompido por cigarras ou um breve canto de pássaros. Vazio, Angkor Wat o recebia de braços abertos.

Na penumbra, Guilherme atravessou o campo aberto à beira do lago escuro a passos

rápidos, receoso de encontrar alguém que soasse algum tipo de alarme. Seu coração explodia de ansiedade, apressando-o. Ao chegar, tocava as paredes com leves esculturas de personagens lutando contra uma grande Nāga, serpente que simboliza o espírito da terra e água do povo Khmer. Com as serpentes de múltiplas cabeças dando boas-vindas, Guilherme finalmente adentrou o enorme templo.

O negrume tomou conta do lugar, o aspecto fantasmagórico arrancando-lhe calafrios. O silêncio da noite tornava-se espesso, mas Guilherme ainda estava entusiasmado com a aventura. Decidiu subir a mais alta torre e, com seus velhos degraus íngremes, apoiava-se com as mãos feito um gato. Suava frio, seu estômago notando a falta de nutrição. Sacolejou a cabeça para tirar necessidade tão mundana de seu corpo. Continuou subindo, incerto do que encontraria. Ao fim da escalada, endireitou-se e olhou as colunas milenares que o rodeavam. Estava tudo parado, como deveria ser. O que ele estava esperando, afinal?

No centro havia um espaço vazio, rodeado por um labirinto de corredores. Todo aquele espaço era seu, e Guilherme começou a correr, rindo, gargalhando de sua sorte e sua idiotice, tocando cada coluna com seus passos rápidos. Cansado, ele parou em frente a uma parede enfeitada, seus dedos sentindo cada detalhe dela, enxergando através do tato. Acariciava aquela forma, mais uma das dançarinas com seus chapéus pontudos, seminuas, com uma Nāga ao redor do pescoço, seus joelhos dobrados numa posição impossível de imitar. Guilherme fechou os olhos enquanto sua pele sentia o toque frio da rocha entalhada entre seus dedos, um carinho quase erótico.

A tal dançarina aos poucos emergiu de seu habitat natural, a pedra. Guilherme retirou seus dedos da carícia, assustado com a magia que despertou, seus olhos esbugalhados refletindo confusão, surpresa plena. Retirou sua mão da pedra como se a falta de toque significasse a morte de tal magia, mas era tarde demais para reverter seja lá o que estivesse acontecendo. Sua garganta secou, seu coração acelerou-se como na noite do pânico, Guilherme viu a dançarina tomar vida a partir da rocha, encarando-o com reverência e malandragem.

Suas características visíveis apesar da escuridão, era como um delírio saído de uma pintura de Dalí, e num susto Guilherme afastou-se dela. Se de certa forma arrepentia-se de ter desejado um momento surreal, certa satisfação acumulava-se no peito. Esfregava os olhos, carentes de realidade. A mulher de pedra, humana e acessível, insistia em sua presença, e sem receio puxava ainda mais personagens para a longa noite. Uma a uma, dançarinas se acumulavam no grande espaço central, uma música ao longe reverberava como trilha sonora com vozes de guerreiros e monges, até que um estalado metálico fez com que todos esses seres fantásticos se calassem. A dançarina se aproximou novamente, sorrateira, convidando-o para juntar-se a ela numa língua musical, intoxicante.

Mulheres dançavam ao seu redor, e aquela, tocada por ele, aproximava-se sem pudor. Suas

unhas eram como garras, seus olhos cândidos e solitários. Sua pele chocava-se contra a dele, a química entre os dois imediata. Sem aviso, ela puxou o estrangeiro para fora do centro. Atravessaram os corredores surpreendentemente cheios de incenso e música, e pularam a torre. Sem medo, voaram por milésimos de segundo até atravessarem o chão frio que, secretamente, dava acesso à selva, completamente escura e perfumada, onde correram por caminhos ainda a serem desvendados pelos contemporâneos. Guilherme corria com sua dançarina, tocando-lhe a mão e sentindo a pulsação de suas veias, por um momento parte integrante daquele povo. Não mais pensava nas inutilidades de sua vida, sentia-se eterno naquele devaneio. Ou seria realidade?

Não queria saber, apenas desejava viver aquilo, não importando em que realidade ou dimensão paralela. No templo de Bayon, o destino que a dançarina o havia levado, dezenas de Budas olhavam em todas as direções, olhares penetrantes acompanhando o casal que desbravava o interior do santuário. Ela puxava Guilherme sem deixá-lo retomar o fôlego, como se quisesse recuperar séculos de inatividade com incessante movimento, e então ele a seguia, exausto e excitado, desejando sentir mais do que a pele da mão da companheira. Ela ria extasiada, seu corpo não dando sinais de cansaço.

Atravessaram uma parede, ruídos milenares na passagem pediam atenção, natureza envolvendo-os ao pé de uma cachoeira. Mergulharam nas águas rasas, até que um túnel submerso levou-os a um templo pequeno que Guilherme reconheceu de imediato. Fora esse o templo onde se sentou à espera das sabedorias do universo na mesma tarde, onde passou horas sentindo o vento atravessar as colunas trabalhadas. E era agora lá onde esse ciclo de mistérios encerrava-se. Não queria ele que acabasse, poderia correr com sua dançarina de pedra eternamente.

Até que o tempo parou, e na interseção das leis da física reparou no seu rosto moreno e largo, olhos negros e levemente puxados, típica beleza cambojana. Seu poder sobrenatural elevava cada sentido seu, o relógio do universo não mais contava segundos, dava-lhe a oportunidade de guardar cada detalhe do rosto dela em sua memória. Num singelo toque de lábios, um redemoinho de folhas os envolveu, rapidez e urgência separando o casal que jamais deveria ter se encontrado, até que...

Escuridão. Negrume absoluto, vazio.

Breu incorporava-se a cada átomo seu, talvez o preço a pagar pelo devaneio que mais parecia um borrão. Abriu os olhos pesados, sentiu o calor do sol no rosto, a sombra aos poucos dissipando-se. Confusão reinava, as pessoas curiosas ao seu redor desconhecidas.

Aos poucos os vultos tomaram forma. Guilherme estava em Angkor Wat, seu corpo estatelado no chão duro, o sol alto no céu. Sua cabeça doía enquanto um guia falava uma língua que não entendia. Ou entendia, afinal? Não tinha ideia. Como havia parado no chão era um mistério completo. Tinha de fato caído, ou apenas adormecera sem que nada das coisas

extraordinárias tivessem acontecido? Seu coração despedaçava-se, estava de volta num mundo incoerente, mas sem incoerências mágicas.

Levantou-se com a ajuda de um guia, os curiosos se dispersando. Ainda tonto, subiu as escadas traiçoeiras, percebendo que não sentia dor, apenas... decepção intensa, perguntas que borbulhavam, cabeça desconexa. Engatinhando sobre os degraus, chegou ao ápice da mais alta torre, onde esteve na noite anterior. Lá estava sua mochila, intacta. Passeou devagar pelos corredores, procurando sinais de que o devaneio fosse verdade. Se antes procurava respostas para sua crise de meia-idade, essa era uma completa nova exploração, e muito mais interessante. Como poderia reconstruir o quebra-cabeça da noite que vivera?

A coluna que acariciou estava ali, palpitação no peito forte como um batuque a cada passo, cada suspiro. Procurando encontrá-la, tocou a coluna da mesma forma que na noite anterior, pousando sua mão delicadamente no mesmo lugar, seus olhos cerrados, concentrados. Desaparecera toda aquela energia que atravessara a pedra até suas veias. Ainda apertando os olhos, procurava desesperadamente por qualquer sinal dela, mais uma entre as milhares de dançarinas entalhadas na rocha fria.

Abriu os olhos, dessa vez úmidos, até que... algo estava diferente. Onde estava ela? A coluna que antes servia-lhe de casa estava reta, sem qualquer escultura. Lisa. Olhando para trás, um guia perguntava onde estavam as figuras do painel, de repente desaparecidas, mas sem qualquer sinal de roubo. Mistério, magia... onde estavam os personagens que habitaram seus desatinos?

Não está mais aqui, a dançarina, sussurrou Guilherme, seus batimentos fora de controle, sorriso estampado no rosto. Engoliu em seco, olhando ao redor na expectativa de encontrá-la, procurando-a em cada rosto de mulher a passos cada vez mais impacientes. Todo seu corpo pulsava em expectativa, até ouvir uma música melodiosa, a mesma da noite cheia de mistérios, e ao se virar para o centro da torre lá estava a dançarina de pedra, beleza traduzida em traços humanos, ao seu alcance. Ao tocar as mãos delicadas, deixou-se levar por mais um redemoinho de enigmas, suas dúvidas dissipadas no caminho pelo extraordinário.

Meia-noite na fronteira

Madrugada era quando o ônibus parou na fronteira com a Bulgária, barulhos do veículo me fazendo acordar de um sono sem sonhos. Bocejei impaciente, xingando qualquer coisa baixinho, afinal eu mal tinha fechado os olhos. Logo vi o motivo das luzes acesas: hora do controle de passaporte, mais um dentre tantos que já passei, o mundo ainda dividido e obcecado por fronteiras. Um homem parrudo adentrou o ônibus, percorrendo o estreito corredor ao checar documento por documento, dedicando milésimos de segundo a cada passaporte. Olhou-me sem interesse, até que avistou alguma irregularidade no documento que eu carregava, sua expressão cansada dando lugar a uma excitação inesperada.

Folheando as páginas gastas do meu passaporte, o homem agitava-se. Num sobressalto perguntei o que estava acontecendo, também nervosa com o remexer de páginas, mas sem entender minhas palavras ele gesticulava, discutia comigo numa língua desconhecida como se eu tivesse a obrigação de entender seu idioma. Impaciente, num gesto bruto me mandou segui-lo. Os outros passageiros não mais demonstravam sinais de cansaço, todos querendo testemunhar o drama da turista branquela, talvez alguns até se regozijando na minha agonia. Segui os passos rápidos do policial da fronteira até o cubículo onde os oficiais se reuniam. Me perguntaram quem eu era, o que me levava até a Bulgária, porque não tinha um *transit visa*.

Nunca soube que precisava de um visto só para atravessar um país, *coisa mais ridícula*, pensei, afinal provavelmente saltaria do ônibus apenas para ir ao banheiro e olhe lá, e para isso precisava de visto? O mundo ainda se obcecava por meras linhas fronteiriças, burocracias atrasadas! Não acreditava que tal visto existisse mesmo, seria invenção para que uma graninha por baixo do pano chegasse às mãos ansiosas dos rapazes de uniforme? Em ambos os casos estaria perdida, não possuía nem o tal do visto nem dinheiro para molhar as mãos dos policiais, prática que com certeza o Brasil exportou para a Europa Oriental através das novelas dubladas nos tempos comunistas. Nó no estômago espalhava-se, preocupação incutida a cada palavra trocada entre os oficiais, completa incerteza do que aconteceria comigo. Me impediriam de seguir viagem? Num gesto vi meu destino tomar um rumo inesperado, aos gritos me mandavam tomar meus pertences para o ônibus seguir viagem. Eu ficaria para trás.

Mistério era como iria voltar para Istambul. Na calada da noite, sem dinheiro, sem nada. Os homens deram de ombros, seu dever cumprido. Peguei minha mochila, meus antigos companheiros de viagem espantados com a inesperada eficiência búlgara, meus olhos marejados com a interrogação do que aconteceria. Saí do ônibus naquele breu de fronteira onde nada se vê, fiquei à espera de respostas. Meu corpo pulsava de medo, de agitação. Adrenalina.

Inevitável não cogitar que poderia ter evitado tal situação, era só permanecer na neblina

prematura do outono de Munique. Tinha caído na balela de uma agência de viagem que cancelou minha passagem de avião de última hora. Não fosse Zeki, meu amigo orgulhosamente curdo, quer dizer, um pouco mais que um amigo, eu não teria conseguido nem a passagem de ida. Recebi um pequeno reembolso depois de muito insistir, mas não era suficiente nem para comprar a passagem de ônibus, quanto mais uma passagem de avião. Me passaram a perna os turcos, não se incomodando em embolsar uma boa parte do meu salário miserável de estagiária.

Fui mesmo assim para Istambul com a ingenuidade jovem de que tudo se ajeita, e lá usaria o meu *jeitinho* aprimorado depois de alguns meses morando na capital bávara. Ao chegar na velha Constantinopla, logo vi que o único jeito seria retornar a Munique de ônibus, me consolando com a possibilidade de ver a paisagem da Bulgária, Sérvia, Hungria e Áustria. Mesmo assim alguma coisa tinha que dar errado, afinal a viagem já tinha começado com o pé esquerdo... Eu tinha enfiado na cabeça que queria ir para Istambul antes de voltar para o Brasil, me perguntando se toda aquela paixão pelo curdo tinha alguma coisa a ver com a obsessão por países exóticos, o caos da antiguidade me chamando num sussurro. Tinha que ir para a Istambul; jamais me perdoaria se não fosse. Mochila feita, parti.

Meu coração pulsava, um tique-taque angustiado jamais sentido, as poucas lágrimas já secas no rosto. Procurava acalmar minhas mãos trêmulas com o sentimento de paz absoluta que vivi na Capadócia. Da hospedagem num *cave hotel* chamado Flinstones até as cavernas que esconderam os primeiros cristãos e santuários inteiros esculpidos em pedra, sentia-se uma vibração especial nessa comunhão de natureza bruta e humanidade, fé crua, sem o manto da religião. Na Mesquita Azul senti a mesma coisa, uma pulsação primitiva no peito. Era só fechar os olhos e lá estava eu novamente, tocando as pedras esculpidas pelo vento e pelo tempo, me apegando a esse momento com todas as forças, unindo Alá e Iemanjá num sincretismo de pedidos a Deus para me safar.

Lembranças me distraíam. Hagia Sophia, sua imensidão em mosaicos. As pitas cozidas em pedras quentes. Relíquias de Maomé no palácio do sultão, até dentes do profeta eu vi, essa loucura de preservar pedaços de santos e profetas é realmente um denominador comum entre religiões. Memórias persistiam na escuridão maciça, impossível enxergar meus dedos, meus pés. Me concentrei nas imagens vivas e reconfortantes, até que uma luz se fez no horizonte, um ônibus vinha justamente na direção que eu precisava.

O ônibus estacionou, os guardas recomeçando a mesma rotina de checar os passaportes, enquanto eu esperava pacientemente, coração em disparada. Um dos guardas fez a gentileza de conversar com o motorista, situação explicada, desculpas feitas, mas o homem dizia não com a cabeça num gesto abundantemente universal, suas mãos indicando que cada poltrona já tinha um dono. O policial insistiu, o motorista gesticulava com vigor renovado, vozes na discussão se elevavam, tensão. Fragilidade me invadia, mas os minutos passavam sem misericórdia, sem

resolução. Era como se estivesse presa num limbo, nem na Turquia, nem na Bulgária, esperando um deus misericordioso me ceder a graça de livre passagem para o paraíso.

Se existe algum deus andarilhando os céus, me mandou ele um anjo na forma de uma moça que usava um *hijab* e continuamente ajeitava o lenço na cabeça enquanto jogava a lábia no motorista, cujo volume da voz foi aos poucos abaixando, os gestos escalarfobéticos diminuindo, até ele me olhar de cima a baixo, aquela reles inconveniência pedindo favor. O homem finalmente cedeu.

Olhei a moça, seus olhos cândidos repletos de curiosidade, e nela me vi por um instante. O mesmo nariz levemente adunco, os olhos amendoados. O mesmo jeito de segurar as mãos, apertando-as. A mesma idade que eu devia ter, mas uma espécie de maturidade cobria sua pele, já mãe e prisioneira de tradições que eu, mesmo sem admitir, desprezava. Me oferecendo o assento da menina, recusei com um sorriso, tomada de susto com as semelhanças e diferenças. Incerteza incomum de conversar com uma pessoa tão diferente de mim, apesar de sempre ter gostado de conversar com desconhecidos, apareceu.

Me consolei com o sacolejo do ônibus, a lembrança do passeio num barquinho fuleiro que me levou para um tour pelo estreito de Bósforo na convergência entre ocidente e oriente. Algumas horas passaram-se assim, eu tentando formular o cheiro de maresia que tanto gostava no meio de uma estrada sem ligação com o mar, mas que a cada minuto ficava mais próximo. A turca fechou os olhos, cansada da viagem.

Ao pique da manhã a moça puxou conversa comigo, levemente bisbilhoteira, um brilho nos olhos que necessitava imaginar-se na pele de alguém desconhecido. Parecia mais jovem na luz do amanhecer, um sorriso que convidava a confidências, duas mulheres idênticas, dois destinos distintos. *Dilek*, apresentou-se, *como você veio parar na fronteira, de onde você vem?* Ânسيا me invadiu, afinal o que eu poderia ter em comum com ela? Até que meu olhar não mais desviava do fulgor dela, e como um raio transportou algum entendimento invisível que nos uniu além das diferenças. *Trabalho em Munique*, disse, *e estou viajando por aí*, procurei não dar detalhes. *Me conta mais*, pediu ela, insaciável. *Há algumas semanas estive em Amsterdam*, eu falei, *e lá eu vi os canais da cidade, a arquitetura mais bonita que já vi*. Com os olhos novamente jovens, confessou ela, *sonho em ver Paris um dia, você já foi?* Engoli em seco, minha boca não hesitou em responder, *sim, a torre Eiffel à noite é maravilhosa, e a culinária, os vinhos...* até notar que certamente ela não beberia uma gota sequer de álcool, algo que tira metade da graça em desbravar as ladeiras de Montmartre.

Fiquei receosa de revelar que fumei maconha na Holanda ou que dormi num albergue com mais de cem camas em Paris num grande dormitório para homens e mulheres, mas parte de mim queria chocá-la um pouco, instilar o desejo de quebrar regras. Sentia-se ela viva naquela prisão oculta onde vivia, incapaz de mostrar um fio de cabelo sequer? Me perguntei se fé deveria ser

assim, uma gaiola dourada que nos impede de viver, de aproveitar as coisas boas da vida. Não seria fé algo mais íntimo, que nada tinha a ver com coisas exteriores à alma? O que importava se você comia porco, bebia álcool ou se transava antes do casamento? Nunca entendi essa forma de fé que nos priva de coisas que não fazem mal a outrem; é como se religião fosse uma velha coroca que fica contando cada asneira que cometemos. Seria Deus assim tão mesquinho? Em meio às minhas divagações revelei que fui perseguida pela polícia em Praga porque não paguei o tíquete do bonde, morrendo de vontade de esticar os limites da compreensão dela, mas ela apenas gargalhou uma risada deliciosa e sem fronteiras.

Olhando através da janela, Dilek cochichou que também ela gostaria de viajar, colocar uma mochila nas costas, sentir-se livre, sua voz medrosa de que alguém entendesse a inconsistência de seus desejos. Suas palavras falharam, até seu olhar amoroso mirar a filha pequena, amor transbordando dela como um rio após a tempestade. Apertando as mãos já calejadas, a turca olhou para a paisagem monótona da estrada, inconscientemente acariciando a pele jovem da menina, sabendo que jogar tudo para o alto seria impossível, inadmissível e... algo que ela não desejava, afinal. *Tradição não me prende*, como se precisasse se explicar, *tradição é meu porto seguro*, seus olhos afirmaram além das palavras, mas também entendi que certa liberdade lhe faltava, que talvez ela tenha fantasiado como seria tomar o meu lugar por um momento apenas. Um silêncio incômodo entre nós se fez presente, até Fatma acordar de seu sono profundo de criança e devolver alegria à nossa conversa. Então Dilek anunciou *chegamos em Istambul* e meu coração se sentia um tanto vazio com a expectativa da despedida.

Na rodoviária, mal consegui esboçar um *sağol* em agradecimento, o marido de Dilek à espera emanava uma nuvem espessa de suspeita em minha direção. Sem dar importância aos desejos masculinos, calmamente ela tomou minhas mãos e nelas depositou um pedaço de papel surrado, piscou o olho num segredo compartilhado e sussurrou *belki bir gün sağ*, a esperança de que algum dia nossos destinos se cruzariam novamente, nesse grande mundo. No papel deixado em minha mão a frase *nenhuma estrada é longa com boa companhia. Provérbio turco*. Meu coração deu um pulo numa aquarela de sentimentos, as contradições não me passavam despercebidas, mas me deixei seduzir por tradições de outros tempos, pela antiguidade da cidade que num sussurro me chamava. Por uma moça que poderia ser eu, sua alegria e tristeza misturadas em contraste com a imprevisibilidade da minha vida.

A caminho do aeroporto alguma coisa dentro de mim apelava para um lado irracional. Paguei uma fortuna para retornar a Munique porque deveria voltar, porém meus pensamentos tinham saído de uma jaula, com selvageria destruíam os planos eficientes que estavam à minha espera. Queria eu voltar? Algo na Turquia me fazia sentir viva naquele caos de séculos de um país dividido entre oriente e ocidente, da fascinação de palácios e monumentos exóticos, de frutas doces como mel, da comida simples e gostosa, do barulho de vida, do burburinho intenso,

do cheiro de mar, das energias que te conectam com algo mais primitivo, mais humano. Era um mundo tão diferente da Alemanha, daquela perfeição irritante, do céu cinza, da obsessão com silêncio. Ordem, eficiência, regras; coisas que talvez me agradariam na maturidade, mas que me irritavam na juventude impaciente.

O avião começou o procedimento de embarque, as pessoas se movimentando, eu ainda quieta no meu canto, a fila cada vez menor. Deixei todos ali passarem na minha frente, pensando que se pudesse ficaria mais algum tempo na Europa, colocaria uma mochila nas costas e viajaria por aí... faria um tour em homenagem a Dilek.

Um redemoinho tomou posse, uma sensação de que ainda não estava pronta para desistir da vida de nômade, de sentir a pulsação da história a cada ruína, castelo ou templo em meu caminho, por um momento não querendo me contentar com coisas que contentariam muita gente. Emprego decente, namorado amoroso que em breve poderia tornar-se noivo, uma casa legal. Filhos. Carreira. Dinheiro. Queria tudo isso, mas precisava ser agora? À espera do avião, senti pela primeira vez as lágrimas que não vieram durante a crise da fronteira, de repente meu corpo dando vazão a uma enxurrada de sentimentos cheios de conflitos, dever e vontade opostos brigando por uma só escolha. Sentia as raízes que me prendiam subitamente relaxando, ficando mais elásticas. Ainda não tinha um porto seguro, diferentemente de Dilek; ainda estava à procura. Tudo em mim palpitava, meu coração quase saindo pela boca, a decisão que talvez ninguém entenderia tomando forma.

O embarque havia sido finalizado, com a exceção de uma passageira. A funcionária chamava meu nome pelo microfone, seus olhos frenéticos procuravam por mim. Meus pés não se moviam como se estivessem soterrados por cimento. Meu cartão de embarque era o lembrete da vida sensata que ansiosamente esperava por mim, mas as únicas imagens que se desdobravam como fotos em minha frente eram as pedras da Capadócia, os minaretes da Mesquita Azul, a água parada da cisterna antiga com suas longas colunas, a magia dos bazares, os sabores e cores de Istambul, a história que me convidava a me libertar.

Lembrei-me de Dilek e seu conflito de seguir as tradições e libertar-se delas. Seria eu capaz de arrancar minhas próprias correntes? Meus pés então se moveram, mas tomaram a direção contrária da que deveria. Corri para retornar à velha Constantinopla, enquanto a funcionária da companhia aérea continuava a chamar meu nome.

Quando me deixei levar pelo abraço do mar

O mar azul de Creta fez minha cabeça parar de pensar por um instante, breves segundos de paz na turbulência que era minha constante luta contra o câncer. Companheiro inseparável de cinco longos anos, na verdade parecia me acompanhar toda a vida. Momentos de paz eram raros, preocupações inerentes de quando se está à beira da morte persistindo em tomar conta de cada pensamento, de como minhas filhas lidarão com a perda da mãe, ainda tão novas para compreender, se o marido recuperará a vontade de viver rápido demais apesar de todas as promessas de amor eterno. Pensamentos incessantes eram dedicados a outras pessoas, enquanto minhas veias recebiam o veneno que matava células cancerígenas e saudáveis, enquanto eu vomitava e perdia os cabelos. Era neles em quem eu pensava. Dia e noite. O mar ajudava a acalmar esse furacão de perguntas e preocupações, nem que fosse só por um momento.

Nossa bela casa na região de São Francisco indicava como eu e meu marido havíamos sido bem-sucedidos em carreiras estelares. Uma casa aos pés do Vale do Silício não saía por menos de um milhão de dólares, dizíamos sempre aos amigos, orgulhosos. Quase ostensivos, na verdade. Merecíamos cada palmo da casa grande e confortável em Salsalito, do outro lado da Golden Bridge, anos trabalhando entre doze e dezesseis horas por dia, justamente para podermos bancar o que quiséssemos. Não importava que nossas filhas ainda eram pequenas, que elas ficassem com a babá quase o dia inteiro, que às vezes eu as via apenas ao dormir.

Naquela época ainda achava que valeria a pena, afinal tudo que estava construindo um dia seria delas. Hoje, depois de batalhas para me livrar do tumor, a derrota final dessa guerra à espreita, não tenho mais certeza. Estava sendo roubada da oportunidade de conhecê-las, de vê-las crescer. *Será que um dia elas se lembrarão de mim?*, era a pergunta que corroía minhas células mais que a quimioterapia. Queria estender meu tempo com elas o máximo possível, desejava segurar suas mãos ainda tão miúdas, cobri-las de beijos. Dizer *eu te amo* todos os dias, não apenas aquele *love you* corriqueiro, quase sem significado.

Com sete e cinco anos, Taylor e Stacey nos acompanhavam em uma certa viagem de despedida. Ainda não entendiam exatamente o que estava acontecendo, apesar de notarem a decadência de meu corpo com o passar dos meses. Era inevitável não notar minha falta de cabelos, minhas mãos ressecadas, meu rosto pálido. Quando havia esperança ainda botava um sorriso no rosto, mas desde que soube da metástase, qualquer sinal de vivacidade havia evaporado como as poucas águas da Califórnia.

A única coisa que ainda me fazia seguir adiante, além da morfina, era a expectativa de me despedir da vida vivendo-a. Esperar pela morte na nossa linda casa em Salsalito não era opção. Não queria que os cantos daquele porto seguro de minha família fizessem parte da minha jornada

final, como se morrer lá criasse uma nuvem de tristeza para os meus entes queridos. Não assombraria nossa casa, evitaria que minhas filhas associassem seus cantos prediletos do seu lar com minha via crucis. Devastado com a notícia sombria que eu dividia na nossa sala, meu marido não queria desistir da luta, me implorava que tentasse mais tratamentos experimentais, talvez esse, ou aquele... Depois de anos nesse vaivém cancerígeno, queria jogar a toalha. Não aguentava mais. Implorei para que eu pudesse morrer como e onde eu bem entendesse.

Não que eu tivesse um dia certo para morrer; os médicos me davam dois, talvez três meses de vida, mas o fim estava próximo. Cada dia era essencial, cada momento imprescindível. Poderíamos de fato colocar as mochilas nas costas e explorar lugares que antes pareciam inalcançáveis.

Mesmo sentindo a urgência em minha voz, meu pedido caiu em ouvidos moucos. Acomodado com nossa vida em São Francisco, onde trabalhar é quase sinônimo de respirar, Josh me olhava como se eu fosse uma alienígena, como se eu pedisse o impossível. Estávamos demasiadamente acostumados a estarmos ocupados e parecermos ocupados, algo intrinsicamente americano nos dias de hoje, e via como Josh torturava-se ante duas exigências irreconciliáveis. Atenderia ele o último pedido de sua esposa já com o pé na cova? Negaria a ela o que considerava um tanto egoísta em prol de sua carreira? Implicações concretas flutuavam sobre ele, tão tangíveis que poderia segurá-las na palma de minha mão.

Gostávamos de viajar, mas com apenas duas semanas de férias no ano não era possível fazer grandes viagens. Anos atrás fomos para a França, exploramos os campos de lavanda da Provença até o misterioso Monte St. Michel, passando pelas muralhas medievais de Carcassone e a região da Alsácia, com sua arquitetura mágica e vinhos deliciosos. No ano seguinte nos aventuramos pelo norte da Índia, desde o triângulo de Jaipur-Delhi-Agra até os pés do Himalaia em Dharamsala, residência do Dalai Lama. Muitos foram os lugares que exploramos, mas sempre com o itinerário apertado, com data certa para retornar. Continuávamos conectados com o trabalho mesmo de longe, os smartphones fazendo aquele *beep beep beep* constante e nós acabávamos em dar demasiada atenção a mensagens de colegas pedindo ajuda. Tudo era urgente. Tudo era para ontem. Nada podia esperar. Quando ficamos assim, presos nessa urgência insana do mundo corporativo, que não nos deixa conectar com nada mais além de trabalho, trabalho, trabalho? Não seria essa também uma forma de escravidão?

Olhava para minhas filhas, sentadas ao meu lado na praia de Elafonissi com sua areia rosa e águas cristalinas e, ao invés de admirar as cores do pôr do sol, lá estavam elas com seus tablets num mundo fantástico habitado por dragões e princesas guerreiras. Como essa saga poderia ser mais interessante que vivenciar o espetáculo do crepúsculo em Creta? Mandei que largassem o iPad por um minuto para admirarem as luzes do sol no mar. De mau humor, elas obedeceram.

Uma dor insuportável passou por mim naquele momento, algo que atravessava meu corpo

sem piedade e que, infelizmente, era uma velha conhecida minha. Não era surpresa alguma que tal sensação viesse sem sobreaviso. Tentava em vão controlar o ímpeto de gritar, de pedir ajuda, de mendigar morfina. Era a única coisa que me fazia seguir em frente, a porcaria da morfina. Doses maiores a cada dia para acalmar um corpo quase morto. Stacey e Taylor já conheciam os sinais, meus olhos apertados, uma feição de horror congelada no rosto, o corpo todo duro lutando contra dor, o grito interrompido na boca. Taylor correu até o pai, e com pressa veio Josh me dar mais uma injeção. Alguns segundos depois, estava novamente no controle do meu corpo.

O sol despediu-se, mentalmente cruzei um dia a menos da minha contagem regressiva.



Diante da notícia trágica dividida com Josh, dois meses antes, pedi que largássemos tudo. Ele me olhou ferido, não entendendo como eu poderia morrer longe de tudo e todos que amava. Como ele poderia entender, afinal? Não era ele quem estava morrendo, *damn it*.

É clichê, mas a morte iminente traz uma claridade de prioridades. Josh resistia aos meus planos, não queria sair da bolha de otimismo de São Francisco, não queria que eu desistisse *fácil*, dizia ele. Mais provável era o receio de se despedir do trabalho conquistado com tanto afincio. Mesmo dividido, ele não tinha escolha. Estava cansada de tratamentos que traziam esperança, mas não funcionavam. A verdade é que ele também.

Antes de fechar a casa, organizei uma festa de despedida. Convidei todos os meus familiares e amigos, bebemos e dançamos como se o apocalipse viesse no dia seguinte, sorrimos, choramos. Nos despedimos. Carreguei o sentimento mais puro de amor comigo naquela reunião de pessoas que me ajudaram em uma jornada de vida contra a morte. Muitos não aceitavam o meu destino, mas o que poderiam fazer? Nada, disse-lhes, e pedi ao pé do ouvido de muitos que estivessem presentes quando Josh estivesse a ponto de explodir, quando Stacey e Taylor precisassem de um ombro amigo, que de vez em quando dessem um alô e trouxessem uma cesta de *muffins*. Prometeram que sim, meu coração mais leve na certeza de que minha família não estaria só na minha ausência, a cada dia mais perto.

Dois dias depois estávamos de partida para a Europa, começando nossa última viagem juntos. Tiramos fotos, fizemos vídeos, atualizamos um blog com frequência. Quem sabe um dia minhas filhas olhassem o diário virtual como um legado, que se lembrassem da viagem com certa alegria. Contamos dos pastéis de nata em Lisboa, da arquitetura singular de Gaudí em Barcelona, da catedral milenar de Estrasburgo, dos castelos da Baviera, do muro de Berlim, do bairro judaico de Praga, da casa de Mozart em Salzburgo, do coliseu de Verona, das muralhas medievais de Dubrovnik. Até a Croácia estava me sentindo relativamente bem, com algumas injeções aqui e ali. Quiçá tanta beleza tivesse distraído meu corpo, soprando-lhe vida a cada passo, a cada lugar.

Não poderia ser para sempre, é claro. Meu estado piorou severamente de um dia para o outro, uma dor que me consumia, uma exaustão que jamais havia sentido. Josh me implorou para voltar, com medo de que eu morresse ali, num hospital despreparado, sem conseguir entender os médicos ou enfermeiras ao redor de minha cama. Apelou para o bom senso, mas ser sensata não estava na minha lista de prioridades. Tudo o que mais queria era viver, mesmo que isso significasse bombear meu corpo com morfina. Bati o pé, minha vontade vencendo cada coerência de argumentos. Me comportava feito uma criança mimada, mas precisava daquilo. Necessitava de liberdade, de libertação... Morrer numa cama de hospital era inimaginável.

A vida me escorria pelos dedos, era hora de decidir meu último destino. Escolhi Creta, a grande ilha grega que sempre desejei conhecer. Quando pequena, meu pai fez uma viagem para a Grécia e uma de suas reuniões o levou a Heraklion, a capital cretense. De lá, visitou Knossos, ruínas da antiga civilização minoica, e me trouxe a réplica da estátua de um touro, por algum motivo símbolo daquele povo. Desde então cultivei uma fascinação com tudo grego, mas seja lá porque motivo nunca havia visitado a Grécia. Talvez estivesse esperando por alguma coisa, algum sinal. Não sei. Não teria mais outra chance, então da Croácia partimos para Creta, minha derradeira estação no mundo dos vivos.



De Heraklion fomos para Rethymno, uma cidade pitoresca à beira-mar que nos saudava com vielas charmosas, vendas de ervas e lavanda, ruas de séculos atrás. Tavernas serviam a aguardente grega tradicional, o ouzo, e delícias mediterrâneas. Mesmo sem fome, me forçava a comer. Me deliciava com o sabor fresco do tomilho na carne de porco, do queijo feta derretido com pita, do cordeiro assado por horas, desfiando na boca de tão macio. Via o mundo com mais cores e sabores, cheiros e texturas. Como poderíamos viver de forma mais intensa e sem pretensão se todos os nossos sentidos estivessem sempre inspirados como os meus estavam! Como perdíamos tempo com tanta bobagem, com tanta picuinha, sem entendermos que todos nós estamos com os dias contados.

Mesmo com essa vontade de tudo ver e sentir, meu corpo rebelava-se contra minha vontade. Tinha poucos dias bons, muitos dias ruins. Num dos poucos dias em que acordei relativamente bem, fomos à praia de Elafonissi, no extremo leste da ilha. O caminho era montanhoso, subimos e descemos estradas estreitas, e dessa vez não fui só eu quem teve vontade de vomitar. Todos nós conseguimos, entretanto, chegar ao paraíso quase caribenho da costa. Valeu a pena cada enjoo que sentimos no tortuoso caminho.

Retornamos ao fim do dia para Rethymno, exaustos do passeio. À noite, procurei com afinco o próximo passeio, ansiosa para ver algo inusitado nos meus dias finais, como se planejasse meu último dia de férias. Não precisei procurar muito para decidir qual seria o destino

final.



Josh achou minha escolha macabra, visto que Spinalonga era uma ilhota a alguns metros de distância de Creta onde leprosos eram forçados a exilar-se, uma espécie de prisão ao ar livre para os infelizes cujos corpos destruíam-se com o progresso da doença. De uma certa forma, não era muito diferente do câncer... Mesmo silenciosamente concordando com meu marido, alguma coisa, entretanto, me puxava para aquele lugar, um misterioso magnetismo que me atraía sem explicação. Sem mais forças para discutir comigo, Josh assentiu com a cabeça, exausto das minhas birras. Estávamos perto do fim, então por que discutir?

As crianças preferiram passar o dia na praia desintoxicando dos eletrônicos, logo reclamando da minha decisão de visitar uma ilha deserta com um monte de ruínas chatas. Stacey disse que não aguentava mais ver ruínas, muralhas e casas velhas, de repente tomando gosto pelas ondas do mar. Acariciando-lhe o rosto, ainda tão jovem para entender o que estava acontecendo com sua mãe, permiti que ficassem com o pai durante o dia. Josh, preocupado, não queria que eu fosse sozinha para Agios Nikolaus – a cidade de onde pegaria o barco para Spinalonga – mas não poderia me impedir. De certa maneira, algo me dizia que eu deveria fazer tal excursão sozinha, porém não conseguia traduzir o porquê dessa nova necessidade. Apenas aquela sensação esquisita de que era o certo a fazer.

Me despedi deles com abraços fortes, minha garganta seca com a separação que, algo me dizia, seria permanente.



Inexplicavelmente, não senti dor durante a curta viagem. De Agios Nikolaus eram apenas alguns minutos de barco até Spinalonga, mas debaixo do sol de agosto parecia mais tempo. Minha pele fervia, mesmo assim não me incomodava tanto. Encarava os contornos da ilhota à distância, um forte circular veneziano e muralhas que circulavam a ilha, alguns tufos verdes sobressaltando do marrom amarelado da paisagem rochosa. Assim que desembarcamos, a guia nos conduziu através de um grande portal, a entrada para a cidade fantasma.

Por dentro das muralhas, Spinalonga parecia um vilarejo qualquer, com casas de pedra ainda formidavelmente de pé, muitíssimo diferente das típicas ruínas gregas. Vi as carcaças de vidas passadas ali, casarões e igrejas, estradas, ziguezagues em pedra que me faziam imaginar como deveria ser a vida nesse lugar inóspito, rodeado por um mar brilhante e a poucos metros da civilização, dos entes queridos. De vidas passadas.

Aromas de flores e sal manifestaram-se, sensações intensas. Inexplicáveis. Estava, de repente, confusa. Encostei-me numa parede e me separei do grupo, vendo-os prosseguir nos

caminhos turísticos. Decidi num impulso tomar outra direção, procurando por trilhas inexploradas. Andava em direção ao centro da ilha, subindo a colina. A cada passo tocava as pedras das casas abandonadas, a energia de cada uma delas me tocando com o vento seco, um zumbido de conversas perdidas no tempo.

Uma senhora solitária, vestindo um véu preto, me observava ladeira acima, segurando uma cesta. Ela continuou seu caminho devagar, sem pressa, murmurando algo incompreensível. Decidi segui-la. Como uma sombra, respeitei seu espaço. O cheiro de flores intensificava-se, apesar da falta de flores na paisagem. Respirava fundo, o perfume das flores invisíveis intoxicante.

A idosa, então, virou-se. Suas mãos tremiam, revelando feridas horrendas. Seu rosto possuía alguns traços da lepra, sua pele consumindo-se, mas isso não a impediu de me dedicar um sorriso. Medo dela ou nojo de suas feridas não encontraram vazão em mim. Não me perguntei se aquela mulher era real ou se era seu espírito, incapaz de deixar sua última casa. É mais provável que fosse algum efeito colateral das tantas drogas que eu tomava, alucinações talvez sendo parte do repertório da morte. Não fiz perguntas, não saí correndo na direção contrária da mulher. Apenas a segui, passo a passo, até chegar ao topo da colina.

Ali algumas mulheres se debruçavam sobre a terra seca, passeavam, observavam o mar ao longe. Ao me ver, muitas chegaram perto, curiosas. Percebi que o sol aos poucos dava lugar à lua, como o lento fim de um eclipse. O barco que me trouxe havia partido horas atrás. Cheiros e sensações estavam ainda mais intensos quando notei que estava só em Spinalonga. Não estava preocupada ou triste, todavia, porque sabia que seria ali onde meu coração deixaria de bater, e que não havia lugar melhor. Um véu de paz derramou-se junto daquelas mulheres que ali também faleceram na solidão de suas doenças, de alguma forma companheiras dos meus últimos instantes.

Certa do que estava prestes a acontecer, tomei o destino em minhas mãos. Ainda no alto da colina, senti vontade de me banhar nas águas salgadas uma última vez. Sem dor depois de tanto tempo, corri pela estrada de pedra eufórica e triste, a brisa de verão ajudando minhas pernas cansadas a descer as ladeiras íngremes, meus dedos tocando cada casa no meu caminho, o zumbido ficando mais alto com o nascer da lua, os espíritos dos que ali morreram cedendo passagem, as estrelas iluminando a estrada estreita a cada passo. O portal da ilha estava ao meu alcance.

Devagar, senti a água morna nos pés e logo me deixei abraçar pelas ondas, meu corpo flutuando sob a lua cheia. O pouco de vida que ainda tinha magicamente se misturava com a imortalidade do mar, sangue tornando-se sal, simbiose plena. Fechando os olhos, me deixei levar por um sono bom, para não mais acordar.

À sombra da cerejeira

Olho para os arredores de onde me encontro agora, essa cidade que tomou meu coração com suas ladeiras imperdoáveis, cheiro de azeite e maresia, orgulho dos grandes descobrimentos a cada esquina, a cada conversa. Apesar do sol que os beija, foi nesse lugar de pessoas taciturnas, um pouco de culpa católica talvez, onde comecei a aceitar o meu destino de nômade, de recomeço. Porque sim, quando pensamos que na meia-idade nossas vidas estarão estabilizadas, que nenhuma novidade mais nos aguarda, vem um furacão que nos envolve, roda nossos corpos e cabeças, nos deixa zonzos, sem direção. Não sei se fui acometida de uma dessas crises que ouvimos falar e achamos que nunca acontecerá conosco, até que turbulências e turbilhões ao pé da terceira idade sucedem. E tudo cai por terra.

Talvez se não tivesse encontrado Timo nada disso teria acontecido. Ainda estaria na minha casa confortável em Melbourne, indo para o meu trabalho sem-graça, tomando um pouco de vinho a mais que necessário, insistindo para que meus filhos dessem sinal de vida. Desde que o caçula se fora, ansioso para a liberdade da vida adulta, o buraco no peito já presente aumentava numa velocidade estrondosa. Eventualmente os filhos que um dia me olharam com amor incondicional não mais se incomodavam em dar um alô, enquanto eu controlava meu ímpeto maternal para não ser considerada inconveniente. Mas como me custava não ter de quem cuidar, falta me fazia o amor incondicional, a tal saudade que os portugueses conclamam como palavra única, sem tradução em lugar nenhum, ah...

Há tempos me sentia desconectada, vazio me engolfando, um pedaço de madeira oca. Estava no piloto automático, nada mais era digno de entusiasmo ou profundos pensamentos. Os dias não fazem mais esforço para passar quando tudo parece ser programado, a rotina está lá, o mesmo caminho de sempre, os mesmos horários, as mesmas expectativas. Procurava não pensar mais no que sentia falta, abafando necessidades que talvez fossem consideradas fúteis se as dividisse com alguém. Meu marido nada percebia, também envolto em sua própria rotina, sua vida de sempre. O casamento estava morno, passávamos jantares sem assunto para conversa, noites assistindo televisão, fins de semana cada um com sua turma. Estar sozinha com Mike tornou-se um fardo, uma ciranda de monossílabos. Sua pele, antigamente uma extensão da minha, tornou-se diferente, o magnetismo de antes transformado numa aversão discreta. Estava tudo murcho, um deserto infinito, e me perguntava se era somente essa paisagem árida dentro de mim que poderia esperar daqui em diante.

Sem procurar, um dia olhei para o lado e lá estava Timo, finlandês recém-chegado na Austrália, atrapalhado com os costumes e desacostumado com o calor. Nele encontrei novamente aquele sentimento de ansiedade, de excitação que há tanto tempo havia esquecido, que tanto

lutara para esquecer. Nem sabia que falta me fazia um abraço apertado, um beijo na boca, mais uma primeira noite de amor. Nesse ciclo que é a vida, queria começar de novo, a vida que antes murchava novamente florescia. Tão pouco bastava para voltar a viver.

Ouçõ uma melodia tocada ao violão, as notas melancólicas trazendo lembranças doloridas e uma nova inquietude, porque a estrada que tomarei no dia seguinte me levará à casa de meus ancestrais, já perdidos no tempo. Hoje não consigo mais seguir esse desalento que aparece em cada esquina de Lisboa em seus cantos de fado, apesar de ter crescido com a voz de Amália. Desço as ladeiras do castelo de São Jorge com pressa, sentindo o cheiro delicioso de sardinhas fritas, me deixando puxar pela fome que assola o estômago. Às vezes é difícil pensar, lembrar de Mike e Timo, dos filhos, toda uma vida deixada para trás; fácil é enterrar pensamentos incômodos, ainda mais com garfadas de bacalhau, gostos que me levam a tempos bons.

Estava ansiosa para o dia seguinte, uma forma de missão tomou conta de mim desde que saí da Austrália em busca de alguma forma de redenção. Se Timo me trouxe de volta à vida, me tirando de um marasmo intenso, uma letargia da alma quase, era como se eu tivesse me afogado e ele me ressuscitado com respiração boca a boca, e mais uma vez me lembrei dele, estopim do bem e do mal. Fiquei boba quando tudo começou, mal sabia que alguém ainda poderia olhar para mim novamente, que eu poderia ser o objeto de desejo de um homem. Só sei que os olhares do homem reservado em minha direção me davam prazer, me motivavam a ser vaidosa, algo que já não era há muito tempo. Eventualmente Mike notou, mas tomou iniciativa para me confrontar apenas quando já havia descoberto que eu o traía com felicidade, com um sorriso aberto, porque queria mesmo que ele finalmente descobrisse, que me enxergasse de novo, que me visse como mulher.

Ninguém entendia o motivo para deixar o meu marido, deixando de lado a segurança financeira, o companheiro de vinte e tantos anos, a tal respeitabilidade. Alguns tomaram as dores do marido traído como se o adultério cometido fosse contra todos os familiares e amigos. Me vi de repente só, perdida no meu deserto particular. Em dias de estupefação, olhava-me no espelho e me perguntava porque todos tinham essa obsessão com as aparências de um casamento feliz, quando sabemos que, por trás das máscaras, vivemos a mesma sequência de mesmice até que o coração já não mais palpita acelerado. Mesmo assim, nos sujeitamos à prisão da instituição venerada por todos, elevada a um pedestal. Enquanto isso, me convenci que evitar de transar com alguém que me fazia sentir jovem e desejada seria uma traição a mim. Afinal, meu corpo não é propriedade de ninguém.

Dormir com Timo foi mais que sexo, admito, sentimentos que surgiam a cada encontro solidificando-se além da mera atração. Era uma nova pele, um novo toque, uma compatibilidade de movimentos e gestos, sincronia no prazer. Anos, décadas que haviam deixado esse elemento de mim esquecido, convencendo-me que outras coisas eram mais importantes, mais profundas. À

medida que envelhecemos, nos convencemos que é de mau gosto amar novamente, que precisamos deixar a plenitude para os jovens, que nossa época já passou. Mas cá estava eu numa encruzilhada, entre o comportamento esperado da minha idade e a falta que me fazia de nó no estômago, de suspiro, de paixão, duas forças contraditórias, o doce e o amargo de mãos dadas. Minha vida era o meu passado, era nele onde o amor habitava, em algum canto do sótão de minhas memórias, mas minhas perspectivas de futuro estavam mais para a aridez do Outback, com alguns arbustos escapando o ardor do deserto, mas ainda assim seco. Assim eu caminhava a estrada da uniformidade, do inevitável declínio, sem fogo por nada. Sem arrebatamento.

Quando o divórcio fora oficial, senti-me desnorteada. Era hora do recomeço. Timo me estendeu a mão, desejava tão mais que um caso de amor, como se eu, logo eu, fosse a tão aguardada água para matar sua sede. Timo me salvou de uma vida sem perigos, porém diante da recém-alcançada liberdade, um gosto amargo me subia à boca ao imaginar que eventualmente meu amor por Timo cairia na rotina e seria vítima do marasmo. Aterrorizada como uma jovem aos pés da vida adulta, eu me agarrava à possibilidade da solidão para conhecer essa nova mulher que habitava minha pele, alguém irreconhecível. Do futuro que me aguardava impaciente, em algum lugar do mundo.

O estômago satisfeito me fez novamente pensar na partida iminente, sair da minha amada Lisboa em direção ao lugar onde tudo começara. Meu pai me contava as parcas memórias de sua infância em São Pedro do Sul, vilarejo ao pé do Douro, dos campos verdes e dos rosnados dos porcos a serem abatidos que ecoavam por todo o vale e da cerejeira da casa dos seus avós, testemunha de brincadeiras antigas enquanto ele esperava os pais, em algum lugar de Angola. Ali estava parte de minha história, algo que nunca me interessou, mas que recentemente quis resgatar... me reencontrar nas origens. Quiçá minha vinda à terra dos ancestrais me ajudasse a entender o que se passava no meu sangue, na minha alma. Loucura talvez, mas algum magnetismo me trouxe até aquele lugar assim que minha vida em Melbourne estourou feito um vulcão, espalhando cinzas e lava por todos os lados.

Saí da minha zona de conforto que era Melbourne, repentinamente não mais minha casa. Apesar do sol, da praia, dos edifícios modernos, da diversidade de pessoas e origens, de tudo que eu mais gostava na vida, me sentia sem raízes, necessitada de uma bússola que me guiasse. Casa não necessariamente é um lugar, mas ainda assim era como se todo esse furacão tivesse arrancado a minha sensação de segurança, me jogado num mundo de ruínas. Via Melbourne com outros olhos, e no momento decisivo quis sair. Quis sair, quis sair, quis sair! Melbourne me sufocava, o lugar onde nasci e cresci não era mais meu. Nem Timo, nem ninguém teria o poder de me convencer do contrário, de me fazer ficar.

Nesse furacão que me arrancou do único lugar onde vivi, percebi como minha alma pedia natureza, o verde esmeralda das florestas, um lugar fértil que semeasse meu coração, que

arrancasse a aridez espaçosa do meu peito. Aterrissei na inesperada Chapada Diamantina, seus caminhos de cachoeiras e cavernas, morros e montanhas, a minha redenção. A cada passo em suas trilhas iluminadas eu me sentia mais longe da confusão, mais perto de mim. Em momentos de silêncio ensurdecedor eu observava o sol se pondo no topo do Morro do Pai Inácio, e me perguntava se havia sido transportada para um mundo mais puro, quem sabe o mundo real.

Poucas semanas tornaram-se alguns meses, e lá eu finalmente aprendi o português que me recusei quando criança, dessa vez fazendo questão de me apegar ao gingado do sotaque ao invés do shshsh do português original, que mais parecia uma língua eslava que latina. Ali fora o recomeço de mim, onde cedi espaço para lembrar dos tempos de meu pai, que cantava fado regado a vinho do porto, das celebrações entrelaçadas com bacalhau e sopa de caldo de verde, melancolia de imigrante, um eterno peixe fora d'água. Nesse resgate da língua portuguesa eu deixei que minha saudade me preenchesse, saudade de meus pais, saudade de quem um dia eu fora. Esperança crescia nesse solo fértil, um futuro pela frente como uma muda a ponto de florescer. Um novo horizonte desdobrando-se, reuni coragem e força, porque era em Portugal onde respostas estariam guardadas, como segredos num cofre.

O que antes me recusava a ver revelava-se dramaticamente com as ladeiras impiedosas de Lisboa. As histórias antigas de meu pai e sua constante luta por identidade, não se sentindo parte de lugar algum, me faziam falta. Às vezes me irritava a insistência dele em manter as tradições, afinal não tinha ele vindo para a Austrália com apenas cinco anos? Como poderia ele ainda se sentir português? Agora compreendia com certa tristeza, ao percorrer partes da Serra da Estrela até chegar em São Pedro do Sul, que essas pequenas coisas nos fazem sentir parte de algo, de algum lugar. Que nos trazem certo conforto. Me senti sempre australiana, de certa forma esnobando minhas origens lusitanas como se ser metade portuguesa fosse um afronte mesmo num país de imigrantes, e agora me via ali, em frente à Casa da Torre, como era chamada a casa dos meus ancestrais, me sentindo parte de uma história mais longa e interessante que a minha. Ervas e flores cresciam em meio às pedras frias da casa, apresentando um quê de abandono; assim como eu. Silêncio puro, alguns idosos caminhavam pelos pastos e guiavam suas poucas ovelhas, um trabalho que seria feito até a morte.

Ainda não sabia o que procurava exatamente, todos deveriam estar fora dali, um lugar morrendo aos poucos, sobrando apenas os velhos até que eventualmente a natureza tomaria conta. Assim era sempre, por ventura a natureza tomaria conta, a solidão suprema cuja ideia às vezes me agradava. Mesmo com toda a vontade de estar longe de pessoas, complicadas e contraditórias, senti-me apelando para ficar perto do meu porto seguro. Seria essa a resposta que eu tanto temia – e desejava? O que eu corri o mundo, atravessei oceanos, para compreender? Timo, saudade que agora me invadia com a força de tempestades de verão, subitamente imaginando que seria com esse finlandês de olhos sossegados com quem eu poderia recomeçar.

Desde que embarquei nessa viagem e o deixei para trás, sem promessas de voltar, uma ponta de arrependimento me incomodava. Estava convencida de que precisava desse tempo só, procurando pela identidade de alguém que há muito tempo não sabia mais quem era. Mas era nele, nos braços de Timo, onde invariavelmente eu me imaginava, desejava. Pertencia. Mantínhamos contato, queria às vezes ouvir a voz dele e seu sotaque nórdico, mesmo na madrugada ele atendia o telefone na esperança de que fosse eu na linha, ambos transbordando a alegria de ouvir a voz de quem se ama. A distância dele aprumava ainda mais o sentimento, e após essa jornada na qual eu ainda não tinha conseguido respostas, havia eu me prometido que retornaria a Melbourne, onde andaria com Timo de mãos dadas em Brighton Beach.

Sonhando com o momento do reencontro, o vento do Levante fez-se presente e bagunçou meus cabelos, soprando na direção da Casa da Torre, me instigando a entrar. Ainda resistindo, observei a construção da casa antiga abandonada, mas ainda bela. Entrei, o frio das pedras capturando minhas sensações ao tocar utensílios e móveis deixados para trás, símbolos de vidas perdidas e da dor que meus avós tiveram quando deixaram Portugal, naquela época tão pobre e tão ditatorial. Ventos nômades os levaram para o outro lado do mundo à procura de paz e lar, deixando para trás famílias desoladas com a partida que, mesmo sem intenção, fora para sempre. As histórias de meu pai ressurgiam, voltavam à superfície, minha pele arrepiada ao senti-lo comigo. Sorri com saudade do meu velho e procurei imaginar como ele havia se sentido de retornar à pátria quarenta anos depois de sua partida, reconquistando leves lembranças, mas com enorme certeza de quem um dia fora. Em largos passos, andei mais um pouco até o quintal e lá estava a tal cerejeira que meu pai tanto falava, pesada de frutos e vibrante de cor.

Um movimento leve chamou minha atenção, olhei pasma como se estivesse vendo uma ilusão. Disse-lhe que estava a caminho do vilarejo, que ansiava por conhecê-lo finalmente como parte da minha longa viagem, mas jamais imaginava que...

Lá estava Timo, estendendo a mão mais uma vez numa segunda chance, o futuro que o destino me presenteou, a mão forte de quem já vivera muitos invernos. Fora minha saudade transmitida em ondas invisíveis até aquela pessoa que me entendera desde o primeiro momento? Que me esperou com ardor nos meus caminhos de perdas e encontros? Caminhei até ele, e sob a sombra da árvore que criou raízes profundas nas lembranças de meu pai, estaria ela também nas minhas memórias, a raiz de tudo; de mim e do amor.

O vermelho de todas as coisas

Não foi nenhuma surpresa quando finalmente dei meu último suspiro. Há tempos meu corpo não respondia aos medicamentos que circulavam em minhas veias, e um alívio chegou quando meu coração parou de bater. Minhas filhas derramaram lágrimas ao meu redor, um choro que mesclava desolação e alívio, assim como o choque de deparar-se com a morte novamente. Pela primeira vez em muito tempo as vi juntas, abraçando-se como se a ruína de meu corpo apagasse todos os conflitos entre elas, sempre tão predispostas a desentender-se.

Eu sabia o porquê das constantes batalhas fraternais, consequências do destino que as estrelas reservaram. Nasceram todas sob os auspícios de Marte, planeta vermelho que representa a guerra, conflito, e nelas embrenhou-se como mágica o temperamento forte e explosivo. Tudo na Índia flui de certa obsessão com horóscopos, como se a posição das estrelas tudo determinasse. Assim chama-se manglik quem nasce sob a energia marciana, uma mancha que jamais se dissolve. Se ter uma filha já é um fardo, com os pais de meninas arcando com dotes como tradição do casamento, com tal horóscopo torna-se praticamente uma maldição... Três filhas manglik, uma atrás da outra, todas elas prometendo um gênio de revirar móveis, quebrar vasos no ápice da raiva, soltar palavrões dos mais profanos, ah, isso sim poderia ser considerado um toque do demônio!

Meu coração, porém, apenas via os rostos lindos de minhas filhas, recusando-se a cair na armadilha de superstições. Eram os familiares e vizinhos de meu vilarejo que pronunciavam desgraças, amaldiçoavam-me, olhavam torto para aquele fenômeno extraordinário e amedrontador. Diziam-me não haver em toda história hindu registro de tal ordem, mãe parideira de três meninas manglik, como isso seria possível? Perguntavam eles estupefatos. Só podia ser alguma coisa que fiz na minha vida passada, meu carma certamente o culpado de todo infortúnio.

Assim que minha terceira e última filha nasceu, o leve receio transformou-se em pavor. Como esconder que também ela havia nascido sob tal maldição? As mesmas pessoas que um dia me pegaram no colo de repente me olhavam como se eu fosse um demônio, e dei-me conta que precisava deixar o lugar onde minha alma pertencia. Não poderia mais atravessar o bosque em busca do templo onde eu oferecia minhas preces para Ganesha, nem mais me fascinar com as cores dos sáris, deliciar-me com os temperos que faziam a língua queimar de um jeito tão bom, não poderia mais me faltar da loucura colorida do Holi, nem cobrir minha pele com flores de henna a cada comemoração do vilarejo. Precisava deixar uma vida inteira para trás por causa de uma loucura maníaca que se instalava no coração de quem antes me queria bem, meu peito palpitando com medo, medo por mim e medo por elas, minhas pequenas princesas de Marte.

Assim, na calada da noite, partimos.



Nishi jamais havia revelado como queria seu funeral. Mesmo com a morte próxima, ignorava a mãe das três órfãs qualquer discussão a respeito. Desejava ela que seu corpo descansasse em terras britânicas, onde paz finalmente bateu à sua porta, ou que suas cinzas fossem espalhadas em algum lugar especial? Quando o fatídico dia finalmente chegou, às mãos das três filhas aterrissaram instruções secretas. Sua mãe sabia da reação que seus desejos póstumos despertariam, por isso manteve-os em segredo absoluto. Agora as moças, mal recuperadas do choque de perder a mãe, deparavam-se com um pedido inconveniente.

— Eu sabia – retrucou Shakti, a caçula. – Tinha certeza que ela aprontaria uma dessas!

— E agora, o que vamos fazer? – indagou a primogênita, Madhuri, surpresa com o descabimento da mãe. – Não tenho como jogar tudo para o alto para fazer turismo na Índia com as cinzas de mamãe debaixo do braço, e jogar um pouquinho aqui e um pouquinho ali por onde passarmos!

— O que ela tinha na cabeça ao pedir uma coisa dessas? – declarou a irmã do meio, Lakhsa, tristeza transformada em um sentimento mais mesquinho. – Como se nós não tivéssemos uma vida própria... como se...

— Como se nós estivéssemos morrendo de vontade de voltar para a Índia... – completou Madhuri, a fuga do país natal ainda revelando rancores.

— Que bela surpresa, hein, dona Nishi? – gritou Shakti aos céus, seu coração acelerado numa ferocidade conhecida.

O breve momento de fraternidade entre elas, em tanto tempo sem perderem-se em abraços ou carinhos, dava lugar a conflitos que nunca tardavam em aparecer. Unidas em apenas uma coisa estavam: voltar à Índia, país que lhes havia dado as costas, era impensável.



Esperava essa reação explosiva de minhas filhas; se não soubesse, teria sido muita ingenuidade de minha parte.

Por toda nossa vida a natureza difícil delas havia sido uma constante, apesar de sempre me perguntar se a origem do temperamento explosivo de todas fosse realmente originada da posição das estrelas, ou se elas desenvolveram tal gênio porque estava de acordo com a cartilha manglik. Só sei que mesmo com a velocidade fenomenal com que se irritavam, também conhecia o lado doce de cada uma, porque afinal se ninguém é somente bom ou ruim, também ninguém é só feroz e temperamental. Cada uma era única, fogo o elemento que as unia.

Assim que pisamos na Inglaterra eu e Rajiv nos sentíamos párias, como se não fizesse

qualquer diferença para onde nos mudássemos, a superstição de muitos nos manteria à distância, para sempre amaldiçoados. Mesmo assim, ou talvez por isso mesmo, eu e meu marido vivíamos sedentos de tudo que era indiano, procurando por migalhas de nossa cultura. Enquanto isso, minhas meninas cresciam dando valor a coisas muito diferentes, influenciadas por um estilo de vida que nos era alienígena.

A verdade é que elas não queriam ser diferentes, e no berço da civilização ocidental era tão fácil ser igual a todo mundo. O fantasma de ser manglik, tão poderoso na Índia, era praticamente motivo de piada, ou apenas uma história inusitada a ser contada entre chás e bolinhos. Com preocupação víamos as três em seus respectivos mundos, sonhando com coisas diferentes, sentindo-se tão britânicas em suas vidas mundanas. Mesmo na inimizade que carregavam entre si, em conjunto criticavam a forma como balançávamos nossas cabeças quando falávamos qualquer coisa, da minha insistência em vestir o sári, deixando minha barriga de fora para a consternação delas, os cheiros fortes que emanavam de nossa casa, uma mistura de incenso e curry que havia penetrado cada tijolo. Enquanto isso, eu e Rajiv mal conseguíamos ingerir comida tão insossa ou sair de casa com a chuva constante, tal qual uma estação de monções interminável.

A distância entre nós e elas crescia a cada dia, cada momento de conflito cultural nos afastava, até o hindu já não falávamos em casa. Me perguntava se havia deixado que elas me escapulisses, a maldição que nos fizera partir já não era ameaça de antes, mas se manifestava de uma nova forma, uma a uma se distanciando, se desvencilhando de nós. Aliás, sentiam as três que ser manglik libertava-as do estereótipo da mulher indiana: nada mais que esposa e mãe, casada sob o comando dos pais para viver sob a orientação, por vezes até exploração, dos sogros. Queriam mais, disso eu já sabia, vendo-as submersas em teorias, cálculos, livros grossos. Ser manglik dava-lhes a carta de alforria principalmente do casamento, posto que era tradição casar um manglik apenas com outro manglik para que a energia de Marte não mais tivesse efeito. Sentiam-se plenamente livres, jamais tornariam-se reféns de maridos abusivos ou sogras ditatoriais.

Assim que todas saíram de casa, cada uma para um canto da Grã-Bretanha, sentimos que era hora de retornar à Índia. Até Rajiv adoecer, quando tomei por sinal que meu país nos fosse amaldiçoado. Eu continuava abafando a saudade, as migalhas de outrora não mais suficientes para saciar minha vontade de voltar. Sem surpresa, Rajiv faleceu num lindo dia de sol, para logo depois meu corpo ceder. Como poderia continuar viva se meus pilares já não mais estavam lá para me segurar?

Jamais imaginei morrer em um lugar diferente de onde meu coração se encontrava, ano após ano, década após década, mas me conformei com o destino que Ganesha me deu. Até que certa coisa em mim rebelou-se, vontade de descansar nos braços da mãe Índia mais forte do que

nunca, e com ela veio a resolução de que pelo menos na morte minhas filhas me ouvissem – e estivessem novamente comigo.



Recostando-se no leito do trem para Jaipur, os olhos de Madhuri fecharam de uma exaustão plena. Um remelexo repentino, entretanto, a fez reabrir os olhos. Impossível não notar que um homem desconhecido havia pulado em sua minúscula cama.

Um fervor conhecido invadiu cada célula sua e, por mais que ela tentasse controlar o ímpeto de ser arrogante, não pôde ela deixar de levantar a voz, mandando-o procurar outro lugar para se sentar. O invasor de camas murmurou qualquer coisa em hindu, incapaz de pedir desculpas por invadir seu precioso espaço, pois na sua concepção de mundo essa coisa de privacidade não existia. Espaço é para ser dividido, o que faz pleno sentido num país de bilhões. Os costumes ocidentais tão alegremente incorporados por Madhuri não a faziam sentir-se culpada de dividir seu espaço com ninguém, todavia. *Que amaldiçoassem meu egoísmo*, pensou sem peso na consciência, *a única coisa que eu quero é uma viagem sem pulos na minha cama, contatos indesejados e arrotos altos que podem ser ouvidos do Paquistão!*

Não demorou para o trem chegar à cidade rosa de Jaipur, fazendo Madhuri e suas irmãs focarem na tarefa iminente. Nishi nascera nos arredores da cidade, famosa pelo artesanato em cerâmica que ela criava como mágica. Contava ela sempre como essa cidade a maravilhava, com as casas do centro pintadas de rosa, os elefantes que às vezes passavam pela cidade, os palácios de antigos marajás. As três moças, todavia, ainda não enxergavam a mesma beleza, ocupadas demais com os incômodos mendigos, os invasores de camas, o calor insuportável, a sujeira onipresente. Estavam mais para zumbis, vendo apenas preto e branco numa paisagem colorida, nada do exótico indiano despertando qualquer sentimento positivo. Estavam, francamente, com raiva da mãe ainda, o luto substituído pelo rancor.

Logo despediram-se num tuk-tuk, um veículo minúsculo de três rodas ideal para o tráfego que misturava carros, bicicletas e vacas. As mãos nervosas do motorista buzinaavam maniacamente, o tuk-tuk não hesitando em acelerar em ziguezagues. Tomando a estrada para o lago de Man Sagar, os braços delicados de Madhuri seguravam as cinzas da mãe num jarro, um raio de melancolia repentinamente invadindo-a.

Ela lembrava-se aos poucos dos contornos de Jaipur, como a mais velha das irmãs ainda tinha recordações de suas origens, de uma vida passada. Aos poucos certas lembranças acordavam de um sono profundo e, como um déjà vu ao contrário, ela se via ainda menina percorrendo as ruas com suas casas cor-de-rosa desbotadas, a ruína do Palácio dos Ventos, apenas a fachada ainda de pé, construções centenárias a cada passo. Sem admitir, seu coração batia mais forte com doces memórias, súbito soluço embargado na garganta.

Ao longe avistaram o palácio das águas, situado no meio do lago. Um barco as levou até o Jal Mahal, que de tão monumental mais parecia uma miragem. A cor do palácio parecia mudar com a hora do dia, ora mostrava-se num aspecto vermelho, ora o amarelo derramava-se em tons de dourado. Logo chegaram, apenas dois andares do edifício à mostra, três andares submersos. Madhuri deixou-se ajudar pelas irmãs num silêncio quase solene. Podiam ouvir os cantos dos pássaros, admirar as colinas que circulavam o lago, enquanto as mãos de cada uma tocavam o arenito vermelho que formava o palácio semi-submerso. Num ímpeto, as três seguraram o pequeno jarro onde Nishi jazia, num acordo silencioso subindo até o topo do palácio. Madhuri tomou um punhado de cinzas e, abrindo sua mão, deixou o vento levar uma parte de Nishi até os céus.

Já era fim de tarde, o sol baixo aos poucos dando lugar às estrelas. Suas irmãs apressavam-na para retornarem ao barco, mas algo prendia Madhuri àquele lugar mágico. O manto do universo revelou-se, o brilho dos astros fazendo-a sentir a mão forte do pai novamente na sua, ensinando-a os mistérios de um mundo imortal e sem crueldade. Foi no palácio das águas onde ela encontrou sua vocação, e agora estava ela ali, a confrontar-se com as mais sublimes memórias.



Foi no Jal Mahal onde Rajiv me pediu em casamento, num dia quente de setembro. Ainda me recordo de cada detalhe. Atravessamos Jaipur sem que ele me dissesse onde estávamos indo, seu rosto iluminado em expectativa. Assim que vi o Jal Mahal, o palácio das águas, meu coração deu pulso. Estaria ele...? Seria ele capaz de desafiar certas tradições?

Não que nosso amor fosse segredo, mas nossos pais não estavam convencidos de que nós éramos feitos um para o outro. Não só as castas eram distintas, mas também havia a questão do horóscopo que, afinal, é um determinante para o sucesso matrimonial. Talvez os meus futuros sogros já farejassem a desgraça que eu traria na forma de três netas manglik, talvez meus pais antecipssem que eu seria tratada como lixo por uma família de casta superior. Na nossa ingênua juventude nada disso importava; queríamos casar por amor, não por conveniência. O atestado desse sentimento veio justamente no palácio das águas, abençoando nossa união.

Convencer as famílias não foi fácil, mas na época Rajiv tinha uma senhora lábia. Com o nascimento de Madhuri, meu marido tornou-se mais quieto, como se as pragas silenciosamente jogadas sobre nós surtissessem um efeito de dúvidas em seu cerne. Até que vieram Lakhsa e Shakti, ambas também sob os auspícios de Marte. A quietude de meu marido cedeu, dúvidas dissipadas em função do amor incondicional pelas filhas.

Depois de muitos anos que ele, sentindo-se culpado pela distância que criara com Madhuri naqueles primeiros anos de incertezas, na filha mais velha encontrou a afinidade da

astronomia, ambos fascinados por constelações e galáxias, como se tudo de bonito ao nosso redor não fosse suficiente, ambos buscando por respostas além das estrelas. Tomava ele as mãos sapecas da menina e com ela subia nos pontos mais altos para admirar o céu. Foi também em Jal Mahal onde eles se refugiavam e, como num milagre, viram Marte a olho nu pela primeira e última vez.

Ah, beta... que bom que você ainda se lembra!



O norte esperava-as. Com o coração mais leve as irmãs deixaram Jaipur com destino aos pés do Himalaia. Desde a visita ao Jal Mahal que silêncio pairava no ar, serenidade inesperada entre elas. Cada uma perdia-se em seus pensamentos, não mais prestando atenção nas coisas que antes as incomodavam tanto, procurando no estoque de suas memórias por pistas de lembranças perdidas.

Já do ônibus avistaram as montanhas, a cada quilômetro alcançado viam os edifícios coloridos, as bandeiras tibetanas voando com a brisa, os picos dos templos budistas de Dharamsala. Era um outro mundo habitado por gente de feições muito diferentes, olhos puxados e rostos cheios, monges com suas vestes vermelhas e laranjas passeando pelas ruas tranquilas, sem o barulho ensurdecador de Jaipur. Caminharam pela vila de McLeod Ganj, ou Pequena Lhasa, descobrindo rodas de oração metálicas espalhadas em cada esquina, peregrinos rodando-as em busca de bênçãos.

Com o sol tocando os picos mais altos, a cidade borbulhava numa convergência cultural de indianos, tibetanos e turistas de todos os cantos, todos à procura da magia que fluía das montanhas e dos templos. Passaram as irmãs pelo Mosteiro de Namgyal, sorrisos acompanhando-as até o caminho de Mani, ao pé das colinas que davam início ao Himalaia. Seus passos eram seguidos por pilhas de pedras com o mantra sânscrito *Om mani peme hung*, cujo significado elas não sabiam ao certo, mas que trazia boas energias.

— Aqui está bom – decidiu Lakhsa, sua vez de tomar as rédeas do ritual.

— Por que mamãe escolheu esse lugar? Ainda não consegui entender... – murmurou Madhuri.

— Da mesma forma que o Jal Mahal significava algo para você, as montanhas significam algo para mim – respondeu Lakhsa, suas palavras transmitindo a tranquilidade do lugar. – Talvez a única afinidade que eu tinha com ela, os passeios silenciosos nas colinas perto de Bath...

— Pelo menos você ainda tinha uma afinidade com ela, Lakhsa. Já eu... não me lembro de afinidades, de coisas que fazíamos juntas... Me lembro perfeitamente dela ocupada com vocês – disse a primogênita, quase numa acusação.

— Já eu não tinha afinidade nem com papai, nem com mamãe... – revelou Shakti,

ressentida.

— Ao mesmo tempo que mamãe te chamava de “a flor mais bonita do meu jardim”? Ah, Shakti, caçulinha, quando você nasceu não tinha espaço para mais ninguém! – disse Madhuri, seus olhos marejados.

Lakhsa sentou-se em uma das pedras, lembrando-se dos anos de reclamações e acusações entre as três, todas elas sentindo-se preteridas, sempre procurando motivos para distanciar-se. Ao final, apenas as obrigações familiares permaneceram ;Lakhsa perguntava-se o porquê. Parecia-lhe tudo uma sequência de mesquinhas. A calma da montanha, interrompida apenas pelo ruído de um riacho, a fazia lembrar dos passeios com a mãe num silêncio de comunhão com a natureza, algo que não precisava ser dividido com palavras.

— Basta disso! – Lakhsa mandou. – Nós sempre reclamamos, mas nem esperamos a maioria para sairmos de casa. Quando tivemos a chance, arrumamos nossas malas e fomos embora. Que direito temos para tanta reclamação?

Suas irmãs olhavam para o chão, deixando que lágrimas escorressem, arrependimento atroz alastrando-se nelas como ervas daninhas, de tantas coisas que poderiam ter feito, esquecido. Perdoadas. Na confusão da vida em família, preferiram elas a solidão, mas nelas existia também uma eterna procura por alguém que as compreendesse, cujo amor jamais fosse objeto de tanta competição e ciúme.

A irmã do meio, o jarro em suas mãos mais pesado agora, caminhou para o amontoado de pedras onde o mantra estava escrito centenas de vezes. Madhuri e Shakti se entreolharam e num acordo mútuo apoiaram-na, as três levando o jarro juntas até a parede da montanha que abrigava as orações budistas. Trêmula, Lakhsa espalhou as cinzas de sua mãe por entre as pedras. As irmãs abraçaram-se num mudo gesto de perdão, testemunhando como a brisa levava Nishi para além das montanhas.



Não vou dizer que minhas filhas não tenham certa razão, pois afinidade é algo que simplesmente acontece, assim como amor, ou a gente ama ou não. Simples assim. Amor... ah, isso não faltou para nenhuma delas, sempre amei cada detalhe único de minhas meninas.

Enquanto minha temperamental Madhuri encontrava calma nas estrelas, Lakhsa e eu sentíamos, apenas nós duas, grande satisfação na solidão das rochas, algo que eu podia tocar e não apenas admirar de longe. Quando os conflitos chegavam ao nível de uma erupção vulcânica, Lakhsa me convidava com os olhos para caminharmos pelas trilhas e subirmos as parcas inclinações britânicas, não necessariamente montanhas. Mas estava de bom tamanho para nós, montanhistas de meia-tigela!

Assim nós nos distanciávamos dos conflitos domésticos, mesmo que jamais

conversássemos sobre eles. Era suficiente para nós duas sentirmos o cansaço da caminhada num esgotamento do corpo apenas, porque a alma recarregava-se de energia. Voltávamos para casa então, preparadas para os gritos, as acusações, as portas que batiam-se com força a cada briga idiota ao mais fiel estilo manglik.

Mesmo com todos esses altos e baixos, minha convicção de que nossos laços de sangue nos uniriam para sempre era irredutível. Amor, sangue, fogo e Marte, o vermelho de tudo o que importava, de tudo o que nossas vidas se resumiam, cor da sensualidade e da pureza, contradições em uma só cor.

E assim veio a caçula, uma filha não planejada, mas que também era símbolo do nosso amor. A ela demos o nome da personificação da força do universo, o vermelho sua cor símbolo. Aceitamos as bênçãos e maldições do carmim, e com essa aclamação os deuses me presentearam com a flor mais bonita do meu jardim, Shakti.

Nem de estrelas, nem de montanhas era o fascínio da minha menina. As águas doces e salgadas encantavam Shakti, seduzida pelo mundo aquático. Desde pequena queria mergulhar em profundidades apavorantes, sentir a textura dos peixes, observar corais. Diferentemente de Madhuri, que contentava-se em olhar para o universo longínquo, e Lakhsa, que desvendava os caminhos cortados pelas montanhas, Shakti queria seu corpo envolto pelas águas, não se contentando com olhares e toques, mas sim com completa imersão, pleno oferecimento de si.

Todas as minhas filhas eram feitas do fogo de Marte, mas o ar, a terra, a água, todos os elementos estavam nelas, e eram nesses elementos da natureza onde buscavam refúgio. Seres humanos estão programados para decepcionar, enquanto a natureza nunca falha em sua capacidade de libertação. Shakti, de início sozinha em sua paixão, nos fez ver a beleza de um mundo desconhecido.

Era nas mãos corajosas de Shakti que eu queria me despedir por completo na cidade mais sagrada de todas, e me libertar no elemento que minha filha mais amava.



No começo fora difícil para as irmãs se acostumarem com o ritmo menos acelerado da Índia, mas seus passos habituaram-se a essa cadência devagar. Na Inglaterra viviam todas correndo numa constante luta contra o tempo, perdendo a noção de prestar atenção nas pequenas coisas. Assim que pisaram em Varanasi, a pressa fora posta de lado, nada de mundano em suas vidas fazia mais sentido. Para que voltar o quanto antes para a Inglaterra? Carreiras as esperavam, e nada mais. O mundo das letras, teorias e números, a racionalidade de suas vivências, parecia tudo vazio, como se estivessem elas apenas marcando tempo. Esperando por algo.

Tomaram tempo daquela vez para explorar o último destino imposto por sua mãe. Se em

Jaipur e Dharamsala ainda contavam as horas para finalmente irem embora, alguma magia himalaia havia tirado essa impaciência de seus corações. Explorando o labirinto milenar de Varanasi, elas caminharam não mais como irmãs que mal se suportavam, mas como amigas em potencial, encontrando denominadores comuns em uma série de coisas.

Se Madhuri e Lakhsa antigamente consideravam-se rivais, nesse momento revelavam segredos profundos uma à outra, enquanto Shakti absorvia metade do que era dito. Era a vez dela, já sentindo falta da jornada e da companhia da mãe, resumida num jarro vermelho-terra, mesmo que no fundo achasse esse apego mórbido. A verdade é que ela não queria se despedir, não ainda. Voltar para o frio britânico, já no pico do outono, dava-lhe calafrios. Alguma coisa nesse país de contradições extremas a chamava, assim como chamou Nishi a vida inteira, um chamado que ela não atendeu por medo, por superstição, por birra até.

Era ainda bebê quando sua família partiu da Índia, Shakti de nada se lembrava. Ao contrário das irmãs, cujas memórias relampejavam, a mais nova não tinha conexão nenhuma com aquele lugar esquisito, portanto nenhum rancor se fazia presente. Era tudo novidade, tudo cor, sabor, vida. Como não querer fazer parte desse mundo mágico?

Elas andavam, visitavam templos, participaram de cerimônias misteriosas que proclamavam a salvação. Os dias passavam e nenhuma das três tomava a iniciativa de finalizar a tarefa, uma espécie de transe parecia ter-lhes acometido. Até que Shakti, sentindo que precisava dar à mãe o descanso nas águas do Ganges, marcou o dia, mesmo que de coração partido.

Perto do templo de Vishwanath, as irmãs tomaram o caminho para o Ghat de Dashshwamedh, no crepúsculo testemunhando o ritual de Ganga Aarti, incenso e fogo no ar, canção sobre a deusa Ganga entoada, velas e flores depositados no rio sagrado. Aos poucos deixaram que as águas do Ganges as rodeassem, Shakti na frente, o jarro com a última parte da mãe em seus braços. Ela hesitou mesmo com as boas-vindas das águas, seus passos ritmados com a voz estridente da canção. As palavras nada lhe diziam, mas a melodia lhe era familiar, um som que parecia conectar suas meras existências a algo muito maior. Dúvidas martelavam em seu peito, receio de se despedir de tudo de extraordinário e voltar para a solidão que, ela percebeu, não era tão reconfortante como havia insistido por tanto tempo.

— Está na hora, Shakti – disse Madhuri, sua voz delicada como nunca antes, percebendo a hesitação dela.

A caçula virou-se para elas, mirando também a cerimônia conduzida por sacerdotes hindus.

— Não quero ir embora – sussurrou Shakti, incerta do que suas irmãs diriam, mas não mais conseguindo guardar os desejos absurdos que a consumiam.

— Tem certeza? – perguntou Lakhsa.

A resposta veio num aceno positivo de cabeça à moda indiana, a boca de Shakti seca com a expectativa da opinião delas, antecipando as piores reações. Segundos passaram, Madhuri e

Lakhsa trocando ideias telepáticas, até que a mais velha notou algo diferente no céu, seu sorriso abrindo-se com o mais óbvio sinal de que também ela deveria ficar.

— Shakti, Lakhsa... olhem! – Madhuri apontou para o céu, extasiada.

Ali estava, em meio ao céu estrelado de Varanasi, o planeta vermelho, iluminando-as. Shakti aproximou-se das irmãs, para que também elas compartilhassem desse momento único com ela, juntas deixando que as águas escuras do Ganges libertassem as cinzas e o espírito de Nishi.

— Será que ela está em algum lugar desse universo? – Shakti perguntou, seu coração alegre de que a solidão era coisa do passado.



Das estrelas estarei sempre a olhar por vocês, minhas princesas de Marte.

Olho no olho, polvo com repolho

Um ranço desconhecido tomou-lhe a propriedade nasal antes mesmo de pisar no tal restaurante asiático, movimentava Imke as narinas freneticamente e as cobria com a mão delicada ao mesmo tempo que esticava a boca num sorriso sem-graça.

Ali estava ela, alemã da gema, tomada de paixão por um coreano que se dizia tão germânico quanto ela, mas que mesmo assim almejava a improvável aprovação de seu relacionamento com a mulher branca, sardenta e avolumada demais para os padrões coreanos de beleza, ansiando que seus pais vissem nela a mesma beleza de espírito que o pegou de jeito. Como a tratariam era a maior preocupação de Jeong-Won, medo tinha ele de que a frieza dos pais afastasse a namorada, mal sabendo ele da resolução secreta de Imke de desbravar os corações mais tradicionais.

Seus pais há muito tempo tentavam apresentar-lhe moças pré-aprovadas em beleza e origem, desejosos que seu único filho estivesse aberto a um compromisso com alguém que desse continuação às tradições coreanas, mas tais ideias não tinham qualquer ressonância no filho rebelde. Ele resistia às pressões de forma oblíqua e valente, indisposto de confinar-se aos limites de uma cultura com a qual não se identificava mesmo sendo o exemplo físico do coreano comum, sentindo-se ocidental o suficiente para recusar-se a encontros com coreanas sorridentes e submissas. Ressentia-se a cada invasão de privacidade que lhe era absolutamente desnecessária, como se seus pais ainda tivessem que segurar sua mão para quaisquer decisões importantes, achando-o incapaz de encontrar o amor sozinho. Queria ele achar sua alma gêmea, porém à sua maneira e, de preferência, que não fosse detentora da cultura que ele lutara a vida inteira contra. Sua amada, apertando-lhe a mão em óbvio nervosismo, parecia mais fascinada com suas origens do que ele próprio, seus olhos asiáticos e generosos o estopim do amor que a acometia.

Entraram no restaurante por fim, o cheiro rançoso ainda mais intenso, mas sem qualquer efeito sobre ele, acostumado com os aromas que sobressaíam do *kimchi*, um preparado de repolho fermentado com chilli, enquanto Imke sentia os olhos lacrimejarem sob o efeito da receita tradicional. Ali estava toda a família, imigrantes de tantas décadas reunidos em um dos poucos restaurantes coreanos de Düsseldorf, faces com as mesmas feições observando-os, esperançosos de que Jeong-Won finalmente desse adeus à solteirice insistente de tantos anos. Era hora, afinal, de começar a produzir a próxima geração, cobravam-lhe sempre. Até ver seus pais, olhares cansados a analisar cada palmo da mulher de sua vida, seus olhos puxados praticamente numa linha de tanto aprumar a vista para reconhecer os defeitos da nora de origem inconveniente.

Cumprimentaram-se sem delongas, a mão da futura sogra fria contra o calor da jovem

ruiva, olhares fulminantes disfarçados de simpatia. Sorriram, olharam-na e, rapidamente, procuraram lugar na ponta da mesa justamente reservado a eles, os mais velhos da comissão asiática, dando-lhes a reverência que os acompanhava com a idade. A alemã, ansiosa para agradar, não guardou rancor do cumprimento sem alegria, tomando consolo nos sorrisos agradáveis à sua volta, os familiares de seu namorado curiosos em conhecê-la e, principalmente, testar o seu paladar com as iguarias mais saborosas da pátria coreana. À sua frente revelavam-se inúmeros pratos misteriosos, do *bibimbap* com arroz, legumes, carne e um ovo cru que cozinha ao contato com o prato quentíssimo, até macarrão oriental com legumes e óleo de soja, o *japchae* e, é claro, o tal do *kimchi*. Imke logo notou que o mau cheiro em suas narinas originava-se justamente ali, do amontoado de repolho vermelho que insistia em se fazer presente. Torcendo o nariz, sentou-se finalmente e, assim como todos, ficou à espera da grande performance que era a cozinha fresca ao alcance dos olhares mais exigentes.

O cozinheiro pôs-se a postos, a panela wok fervente com óleo de sésamo exalando um aroma exótico no ar. A sala estava de repente em silêncio tal qual um santuário religioso, todos os olhares fixados na panela onde o óleo borbulhava, Imke nada entendendo o que se passava e perguntando ao namorado com os olhos como se seus pensamentos pudessem ser transmitidos pelas ondas de calor da panela. Até o mistério ser quebrado.

Sem pena, o cozinheiro tomou dois polvos de um balde e os jogou ainda vivos na quentura, suas múltiplas pernas freneticamente agitando-se em protesto até murcharem sem vida. Imke, sem nunca ter provado algo tão fresco em sua monótona existência, soltou um grito de surpresa sem perceber, ressentida com o namorado por não tê-la avisado da barbaridade medieval. A mãe de Jeong-Won olhava-a sorrateira, esboçando um leve sorriso pela primeira vez como se o choque da moça lhe desse certo prazer, a reação dela sendo diversão sua para equilibrar a sensação de fracasso ao ver o seu menino de mãos dadas com a estrangeira. De imediato lembrou-se que a estrangeira era ela, somente ela, Myung-Hee.

A velha mulher havia perdido as esperanças de ver seu filho casado, já passado dos trinta, agora deparando-se com o pesadelo que era aceitar uma estrangeira no seio da família, símbolo ela do seu fracasso de não ter conseguido embutir a identidade coreana em seu filho. Há mais de quarenta anos que havia deixado sua terra natal após a Guerra da Coreia, vindo para a Alemanha assim como tantos outros, e com o povo que a recebera havia o entendimento invisível do que era conhecer a guerra de perto, de ter visto destruição e fome e pestilência, algo que a confortava por ser uma compreensão além de raças ou de cor da pele.

Mesmo assim, por muitos anos pensava que sua estadia em Düsseldorf seria temporária, uma constante fantasia de que seu país era o melhor lugar do mundo, apesar de tudo. Mantinha a esperança de um dia retornar como filha pródiga, mas criou-se a carreira na enfermagem, integrou-se na comunidade crescente de coreanos na Renânia do Norte-Vestefália, conheceu seu

marido, teve seu filho. O retorno para a Coreia parecia cada vez mais distante, acomodados estavam em uma vida relativamente confortável. Foram deixando a volta para o ano seguinte, para dali a dois anos, para quando Jeong-Won estivesse maiorzinho.

Até o menino virar adolescente e, com todos os hormônios da juventude, a rebeldia de identidade tornou-se ainda mais robusta, o coração de seu filho agora batendo mais forte pela nação germânica. Nem falar mais o idioma de seus ancestrais ele queria, enchendo-a de profunda vergonha e consternação, sempre precisando explicar aos familiares e amigos o porquê de toda aquela resistência, sempre com uma desculpa na ponta da língua, sempre com um sorriso para rebater o veneno dos comentários cruéis. Desse sofrimento seu filho não sabia, como todos os homens absortos das sensibilidades femininas, apesar de seu marido também se debulhar em lágrimas escondidas a cada piada. Ainda assim, estava ele lá a pedir-lhe a bênção, mas seu coração comiserava-se, e com a cara de espanto da alemã, congelada por alguns segundos nos corpos fritos das criaturas do mar, veio uma onda repentina de angústia. Não mais lhe trazia prazer ver o choque cravado no rosto da moça, que permanecia pálida e mal tocava a comida.

Esforçando-se para comer os múltiplos pratos de arroz, macarrão oriental, carnes, legumes, *kimchi* e, é claro, o polvo fresco do mar e da panela, Imke notava o semblante de prazer do namorado, tanto tempo sem colocar os sabores de sua infância na boca. Mal se desculpou de não lhe ter avisado da performance do polvo – afinal para ele era normal, mal tinha reparado como ela poderia ter se chocado tanto – a paixão dos dois já havia derrotado a leve irritação entre eles, beijos comportados trocados de perdão.

Grande parte do apelo daquele homem quieto era justamente não pertencer a lugar algum, como se isso lhe desse um caráter ainda mais forte do que os outros rapazes com os quais havia se relacionado, sempre alemães, sempre pertencentes aos mesmos valores compartilhados, sempre relacionamentos que acabaram-se por tudo parecer fácil demais, simples demais, monótono demais. Um ar de mistério era conferido a Jeong-Won com suas origens exóticas e que ele com veemência as repudiava para o espanto de Imke, que se fascinava com o som da língua, o hábito de tomar chá com as refeições, os gestos inconscientes de cabeça para concordar ou cumprimentar alguém, pequenas coisas que enchiam a sala de vida e diferença.

Relevando o lapso do namorado e sob o olhar insistente de seus parentes, desajeitadamente Imke tomou posse dos pauzinhos de madeira e começou sua exploração culinária devagar, receosa de que a aventura gastronômica pudesse tornar-se traiçoeira. Com exceção do polvo, seus tentáculos porosos impossíveis de digerir, seguiu as instruções de uma das tias mais velhas que colocou uma tigela de água em frente ao prato para tirar um pouco do chilli que cobria o repolho, tratando-a como uma criança desacostumada com temperos fortes.

Cada mastigada revelava sabores que explodiam, deliciosos na maioria, temperos que embutiam nela coragem para perguntar isso ou aquilo. Curiosidade com todas as coisas coreanas

permeava seus pensamentos, da comida até as vestimentas, da música tradicional até o orgulho patriota cego, da sogra que mudava de religião como mudava de roupa, do budismo para o adventismo. Mesmo contra a vontade familiar de continuar pertencendo à religião dos ancestrais, sabia a velha de olhos tristonhos como era ser diferente, as consequências de quem escolheu um caminho íngreme e único, pensou Imke.

Em seu espírito afoito, cobria sua futura família de perguntas comuns e inesperadas, eufórica em desvendar o leque de hábitos que a fascinavam, nítida sedução que logo os sogros não mais podiam ignorar. Há alguns minutos estavam eles concentrados no ato automático de mastigar sabores rotineiros, gostos de conforto, seus pensamentos longe da situação que se desenrolava, mal nutrindo a curiosidade natural de conhecer a nora, de interrogá-la, de descobrir seus pequenos defeitos para utilizá-los como argumentos contra ela. Ao contrário, permaneciam calados e deixavam as perguntas para os mais novos, como se perguntar qualquer coisa fosse um afronte à condição de chefes da família. Estavam escutando, mas nenhuma reação óbvia denotava de suas expressões, capazes de disfarçar falta de interesse nas conversas animadas e sorrisos trocados.

Imke não se deixava influenciar pela falta de interesse dos sogros. Jeong-Won respondia suas perguntas como se ele agora quisesse se passar por um *expert* da cultura coreana, os tios e primos percebendo como o parente que antigamente desprezava tais manifestações de suas origens agora distribuía informações em puro regozijo, ah, a ironia do destino! A sogra, ainda não dando o braço a torcer, aos poucos não mais resistia ao ataque de charme da moça falastrona, gentilmente virando a cabeça em sua direção e prestando atenção na conversa, olhos antes frios revelando certa candura. Notando que a frieza descongelava, Imke dirigiu-lhe a palavra, o receio de outrora dando lugar à leveza.

Nas idas e vindas da conversa, uma das tias não resistiu ao feitiço espalhado pela moça e num impulso revelou o segredo que a família havia combinado de manter entre eles. Linguaruda, disse-lhe que na próxima semana estariam todos numa parada asiática em Aachen, linda cidade na fronteira com a Holanda, não teria Imke desejo de participar, perguntou a tal tia sem remorso, incapaz de guardar qualquer segredo para si. Jeong-Won fez uma expressão de contragosto, levando sua mãe a suspirar com o seu gesto de repulsa explícita, até Imke, arregalando os olhos azuis, disse que adoraria ir, quem sabe poderia até usar uma roupa tradicional, olhando para o namorado em súplica para não perder um evento que com certeza seria o mais interessante em muito tempo.

Os olhares das mulheres que disputavam o carinho de Jeong-Won, mal ele notando essa batalha invisível em seu favor, cruzaram-se. Um entendimento passou por elas como um raio que corta o céu, algo eletrizante as uniu, criando uma ponte entre elas que até alguns segundos atrás seria inimaginável. Com o coração cheio de esperança pela primeira vez em anos, Myung-Hee

sorriu como há muito tempo não se via e, seu coração aliviado, aceitou a ruiva com a esperança de que seria ela, a estrangeira, quem inusitadamente traria seu filho de volta para casa.

O anel de Salomão

Esbaforidos corriam um judeu e um católico, amigos desde a infância fugindo desastradamente de um oficial do transporte público de Praga. Os dois mal haviam chegado na última estação da longa viagem europeia e novamente se metiam em confusão, o histórico de alvoroços acumulando uma bronca de um segurança do Museu Judaico de Berlim por causa da lerdeza em abrir as mochilas para fiscalização e o incidente da tragada de haxixe que pensavam ser maconha em Amsterdam, deixando o rosto de Benjamin azul com a falta de ar. A cada destino um pandemônio, o caos desenrolava-se. Deveriam ser mais atenciosos, mas ambos eram distraídos para as coisas pragmáticas da vida, seus olhos e corações mais voltados para as redescobertas de passados distantes, algo que os dividia e unia, inimigos latentes de fé e amigos de alma.

O *ovládáni*, controlador das passagens de transporte, avistou os estrangeiros no veículo semivazio, já tarde da noite. Passando pela rua Maiselova e com apenas duas estações para chegarem ao hotel, Benjamin e Eduardo nem pensaram em pagar a passagem, subiram apenas no bonde e, preocupados em descer exatamente no ponto que deviam e com um tanto a mais de cerveja barata em suas cabeças, mal perceberam o gravíssimo erro que era dar o calote de meras quarenta coroas checas. Não era intenção dos dois, mas assim que avistaram a expressão sedenta do *ovládáni* de aplicar a multa saíram eles correndo como duas maricas.

A passos largos, quase sem fôlego, os amigos desceram a Maiselova, ainda perto da praça da cidade antiga e do rio Vltava, o epicentro do que buscavam. Era uma viagem além de turismo, combinada de última hora. Benjamin, judeu de descendência, mas não tanto de religião, mergulhara em profundo desalento quando a vida de seu irmão mais novo fora interrompida num assalto à mão armada em plena luz do dia na capital paulista; uma bala na cabeça sem motivo, sem misericórdia. Se antes era ele praticamente agnóstico e apenas participava de algumas tradições familiares, a tragédia o trouxera para perto de uma fé que há muito ele se distanciara. Tomou um velho anel de seu irmão, símbolo do passado e do orgulho hebraico, e desde então não mais o tirava do dedo mindinho, o único que cabia.

Avistando uma das seis sinagogas do bairro judeu, conhecido como Josefov, eles pararam num canto escuro, procurando por um sinal do *ovládáni*. Tinham despistado o jovem checo de olhos febris? Com certeza o rapaz conseguiria alcançá-los em dois tempos, juventude exalando dele, mas talvez não mais conseguia ver os vultos na escuridão da noite. Poderia ainda estar à espreita, esperando apenas para dar o bote nos caloteiros. Aliviados, pensaram os dois que poderiam calmamente retornar ao hotel com mais uma história para contar, Benjamin inconscientemente acariciando o anel até notar uma luz suave emanando do objeto. Assustados,

mas curiosos, logo perceberam que a luz era emitida apenas em uma direção, e nela resolveram seguir até ouvirem a voz do controlador de passagens, nítida mesmo sem entenderem uma só palavra, notando que o rapaz se fazia acompanhar de outro homem, provavelmente um policial tão taciturno quanto.

Pensamentos desenrolavam para Benjamin em velocidade estrondosa. Não só o anel emitia luz, como também certo calor, sua mão em contato com uma energia jamais experimentada. Lembrou-se de Levi, sempre tão compenetrado em seus estudos da Cabala, orgulho dos pais por seguir as tradições esquecidas com as gerações que não mais agradavam os manuscritos velhos e empoeirados, mas as novas tecnologias. Levi sentia a História tomar vida ao folhear as páginas gastas das escrituras, ao ler a Torá, o Talmud ou a Cabala, dizia-lhe sempre, causando espanto e admiração.

[Não posso deixar a tradição morrer.] Não vai morrer, Levi, tantos ortodoxos que estudam as escrituras, meu irmão... você também pode aproveitar a vida de vez em quando. *[É o que sei fazer de melhor, Ben.]*

Dizia-lhe sempre as mesmas palavras, os mesmos argumentos, acariciando o anel como um bicho de estimação. Nunca havia pensado nisso, nesse significado, mas agora estava certo de que seu irmão tinha vivido muito mais do que deixava escapar enquanto ele corria as ruas de Josefov, lembrando-se que esse bairro fora preservado pelo nazismo porque Hitler quis que o distrito judeu se tornasse um museu de uma raça extinta, tal detalhe mais um pedaço de um quebra-cabeça complexo, ainda sem formar conexões apropriadas. Ao mesmo tempo seguia a direção do anel, seu coração acelerado com a perseguição e a expectativa do que encontraria.

Não era permitido pisar no solo sagrado do cemitério judeu, um diminuto pedaço de terra que acumulava tumbas quase sem espaço para caminhar. Benjamin e Eduardo pularam a cerca, seus pés há anos os primeiros que tocavam o chão repleto de cadáveres. A voz do *ovládáni* estava perto, lanternas ligadas à procura dos turistas, os dois amigos procurando refúgio atrás dos túmulos seculares. O anel brilhava mais forte agora, alguma mensagem queria ele transmitir ao seu novo proprietário, mas Benjamin se perturbava com o risco de ser pego. Eduardo, sempre ao seu lado, cochichou no seu ouvido que talvez ele tivesse a resposta para o fulgor do anel.

Desde crianças Eduardo parecia ter uma antena acoplada à cabeça de tantas coisas que percebia com as mínimas indicações. No começo não se gostavam, afinal como um judeu poderia ser amigo de um católico, ainda mais na época que se seguiu ao pós-guerra? *Cada povo com os seus*, diziam seus pais naquela época, mas parece que alguma coisa na nação brasileira faz o povo tornar-se mais tolerante. Mesmo com os dilemas e preceitos da fé que os acompanhavam como sinas, não havia discussão religiosa que separasse os dois meninos. Estava

uma amizade feita para a vida, um comendo porco, o outro não. O católico gostava de discussões, entretanto, sempre ele tão perceptivo. Conversava também com Levi e com ele tinha uma amizade superficial de mentes, mas não de almas como era o caso de Benjamin.

A ideia de Eduardo revelada no cemitério de mais de setecentos anos acendeu ainda mais o anel. Os dois entreolharam-se sorrindo, e em Benjamin veio a nítida revelação do próprio irmão, mensagens que ele procurava transmitir, mas que não encontravam entendimento na época.

[O nosso ancestral de Praga nos revelará seus segredos na hora certa...] Não temos um ancestral em Praga, Levi. Do que está falando? *[Sabes muito bem, irmão. Aquele que criou o Golem. Ou já não mais se lembra das antigas lendas? É tão absorto com o nosso legado!]* O Golem, a criatura de argila? Irmão, essa criatura jamais poderia ter existido! *[Será, Ben? Será?]*

Levantou os olhos e se viu bem em frente ao túmulo de Maharal, rabino do século XV e mestre do Golem, corpo de argila das margens do rio Vlatva e alma de homem. Eduardo tinha razão, portanto. Suas mãos encostaram-se contra a pedra fria da lápide, reconhecendo as letras hebraicas. Lugar incomum era aquele, a temperatura em sua mão aquecendo-se. Num susto, levou as mãos à terra, que mexia, borbulhava, por mais impossível que parecesse. Eduardo agarrou o amigo, querendo protegê-lo, mas não havia perigo, Benjamin sentiu. Era o ancestral de Praga, ainda vivo em espírito, que queria arrastá-lo numa viagem de descobertas. Talvez tenha sido o episódio do bonde apenas uma forma de trazê-lo até onde ele descansava, a ameaça do *ovládáni* esquecida.

Não era para isso que tinha viajado até o velho continente, para descobrir o legado de seu irmão, mesmo ele nunca ter sido daqueles viajantes inveterados que não conseguem parar quietos em um só lugar? Sossegado era, curioso para coisas mais matemáticas e científicas, a sua casa sendo os números e não um lugar específico. Poderia morar em qualquer lugar, contanto que tivesse os números como companheiros. Arrastou-se para a Europa por insistência de Eduardo, personalidade mais inquieta que a sua, que via seu amigo de décadas mergulhado na melancolia da perda de Levi, os meses passando sem que ele conseguisse passar por cima da morte inesperada.

O amigo o convenceu quando fez um roteiro que o levaria para perto do irmão, uma espécie de itinerário judaico da Europa, onde dividiram momentos tristes em Auschwitz na Polônia e na Casa de Anne Frank em Amsterdam, lembretes de vidas interrompidas. Depois de visitarem Auschwitz, Benjamin sentou-se numa bancada e chorou como uma criança, a dor ainda crua da perda do irmão e de tantos ancestrais seus. Eduardo o abraçou, temporariamente arrependido de ter aberto a ferida, mas as lágrimas do amigo o tornaram mais forte. A peregrinação pela glória e derrocada dos judeus na Europa era, de fato, chegar perto de Levi e da

jornada que ele tinha como objetivo de vida; Praga, a última estação.

[Se um dia for à Praga, lembre-se de ir ao cemitério judaico e visitar o túmulo de Maharal.] Não gosto de turismo mórbido, Levi. Para que visitar o túmulo de alguém? Não é melhor que os deixemos descansar em paz? *[Paz só vem quando finalizamos o que temos pendente na Terra. Não se esqueça do que te disse, um dia precisará.]*

A magia do anel os absorveu para dentro e fora do cemitério, num piscar de olhos estavam em frente à Sinagoga Velha-Nova, sua estrutura ainda irreverentemente de pé como se proclamasse ao mundo que não seria fácil expurgar os judeus como tantos pretenderam; estavam ali para ficar. Ambos mal acreditavam no que acabara de acontecer, entreolhando-se em estupefação e maravilha, mas não perdendo tempo no breu que também trazia uma grossa neblina.

[Todo o universo conspira a nosso favor quando é esse o nosso destino.] Se fosse assim, nossos ancestrais não teriam sido levados para matadouros, não teriam perecido da forma mais desumana possível, Levi. *[Tudo tem um sentido, irmão, e nossas vidas não podem ser mensuradas apenas por nós mesmos. Somos parte do universo, nosso destino entrelaçado a ele.]*

Bateram na porta de madeira antiga, resistindo ao tempo como suas tradições, o coração de Benjamin apertava-se à espera da resposta quase imediata. Apareceu um homem, encorpado como ele, seus olhos inexpressivos e boca muda nada revelando. Olhando para Eduardo desconfiado, sabia de alguma forma que seu amigo não pertencia ao seu povo, até que num olhar de desafio deixou Benjamin claro que sem o amigo não prosseguiria. Em seu cerne compreendia que não era ele um homem comum; era o Golem como Levi havia previsto, criado para obedecer sem pestanejar, mudo de fala e de vontade. Não precisava de confirmações em palavras, um olhar bastou para entender.

Cheirava de épocas antigas o Golem, há muito tempo adormecido no porão da sinagoga. De tempos em tempos acordava, uma energia divina levantando-o para dar cabo de mais uma missão. Dessa vez estava lá para abrir a porta e deixar um dos seus entrar, o outro sendo uma inconveniência não planejada. De lá desceu as escadas que o grande público não conseguia ver. O anel brilhava com mais intensidade agora, iluminando os passos dos três. Benjamin tocava as pedras que o envolviam no estreito corredor, se perguntando se Levi havia visto o que ele estava agora presenciando. O Golem parou de repente, virando-se até ele, e sem falar nada confirmou suas suspeitas. Levi estivera nesse lugar, pois ali era a sua casa, o Golem transmitiu as palavras por pensamento.

Benjamin tomou mais uma passagem secreta, caminhando com pressa, metros e metros

passando-se entre pedras milenares, correndo então, impaciente para logo desvendar os mistérios nos confins do lugar. Parou de súbito, raios de sol inundando aquele espaço, encontrando-se num campo de onde se via uma caverna. Num transe, tudo o que mais queria era entender.

[Entre, Ben. Essa é a caverna de Beit Meir, lá estão os segredos do universo.] Mas essa caverna fica nos arredores de Jerusalém, Levi. Não é possível!] É o anel, irmão , aceite sua magia. Será você capaz de finalmente acreditar em algo invisível, em sentir que existe mais entre o céu e a terra? Acredite apenas, abra seu coração, sua mente. Sua alma.]

Ali entrou, e nas paredes viu os códigos e números que se fizeram presentes na juventude, sequências matemáticas que supostamente desvendariam os ensinamentos sobre o homem, o universo, a criação, a verdade. Sentiu-se à vontade diante da matemática que abraçava cada ensinamento, fechou os olhos e percebeu paz retornando ao peito, iluminação plena ao seu alcance, algo que jamais imaginou existir. Sorriu de um profundo contentamento de ser testemunha do impossível, do segredo que Levi tanto desejava dividir com ele. De estarem juntos, mais uma vez.

[Seja bem-vindo, Ben.]

Milagres na terra dos Orixás

Há um ano eu tava todo borocoxô em 2 de fevereiro, dia de Iemanjá, enquanto a neve caía num dia tristonho em Munique. Ave Maria, até dói de lembrar... finalmente cheguei na terrinha depois de muita espera, lá tava eu descendo a ladeira do Rio Vermelho, pra celebrar a festa que me encheu de saudade, *Sehnsucht* das mais brabas. Me peguei numa melancolia sem explicação, forçando o sorriso pra Melanie ao meu lado, a bávara por quem me apaixonei a ponto de me despedir da Bahia com um *Auf Wiedersehen* alegre e deixar tudo pra trás, as festas, o calor, tudo que me era conhecido e bom.

Passei semanas numa alegre antecipação antes de voltar, um tal de fantasiar as coisas mais pitorescas da Bahia, as praias onde novamente deixaria meu corpo tostar sob o sol, os batuques e pagodes, os misturebas de orixás e santos em celebrações das mais variadas. Queria mostrar tudo à Melanie, a loura que virou minha cabeça num amor apimentado e incompreensível, logo ela, o contrário de tudo que eu achava atraente. Mas foi ela, curiosa com minha pele morena e meu sotaque pausado, que me deixou de quatro, abestalhado de tanto amor. Que ela andava por aí sob o sol de queimar miolo com o mais belo dos sorrisos e arriscava seu português puxando os erres fazia meu coração sair do marasmo. Achava ela tudo lindo, tudo exótico, se sentia em casa, a gringa. Se Melanie era quase baiana, se espreguiçando todinha na rede e espalhando leveza como água de coco à beira da praia, tudo eu estranhava, era como se tivesse numa terra que me era desconhecida, apesar de ser a Bahia minha casa, meu lar.

Assim que me deparei com o bafo quente do verão baiano, que percorri as ruas agitadas de caos e confusão, que percebi as legiões de meninos magrelos pedindo dinheiro, mergulhei numa espiral de desencantos, pela primeira vez via os defeitos escabrosos que antes me pareciam meras imperfeições. O tal do *Weltschmerz* que os alemães falavam, o desespero de ver o estado das coisas, me pegou desprevenido. Talvez uma venda tivesse escapado dos meus olhos, sei lá, mas a alegria de antes não mais encontrava lugar no peito. Havia minha terra mudado na minha ausência, ou continuava ela na mesmice de sempre, sendo eu vítima de uma metamorfose? Era eu quem havia mudado, tava diferente e com diferentes expectativas, era injusto com a minha velha Bahia pedir que ela atendesse essas novas exigências.

Enquanto descia a ladeira do Rio Vermelho ainda cedinho, os fiéis se aconchegando numa muvuca que não tava mais acostumado, aquele empurra-empurra à base de cotoveladas que provavelmente Iemanjá não aprovaria, eu procurava desesperadamente por qualquer coisa que me devolvesse o sentimento de pertencer, de raízes profundas, que eu sempre acreditei ter. Mesmo com a expansão dos meus horizontes, tinha a esperança de que minhas raízes fossem flexíveis, mas firmes; o que sentia entretanto era o desprendimento delas, uma a uma, como se

tivessem me arrancando uma unha de cada vez sem anestesia.

Um tribufu parou na nossa frente em meio aos meus devaneios, a lerdeza do andar me lembrava da caixa de supermercado operando em câmera lenta, a velocidade de Internet de modem que antes me deixava à vontade pra puxar papo com meus vizinhos de fila agora me irritava profundamente, me tirava do sério, vixe, que coisa mais esquisita! Porra, de onde vinha essa obsessão com rapidez, essa luta contra o relógio, pelo amor de Deus? Algo elementar dentro de mim havia mudado, pois havia visto coisas novas, aberto meus horizontes, e agora todas as fantasias da minha visita como filho pródigo se despedaçavam que nem biscoito velho. A moça lerda não se mexeu, sem noção da pressa que me incomodava. Respirei fundo e me deixei intoxicar pelo cheiro de maresia, pedindo licença pra passar.

Vermelha que nem um camarão, Melanie sorria a cada passo, sentia ela a vibração de uma festa do povão, algo que na Alemanha praticamente não existe. Com os olhos ela confessava a sua fascinação com o baianês da língua e das maneirices, a leveza e o ritmo arrastado da Bahia, onde o tempo parece esticar como chiclete. Ela penava com o calor, mas mantinha a mesma mania de ficar sob o sol inclemente a qualquer oportunidade, uma pausa no cinza do inverno que estaríamos vivendo agora se não tivéssemos aterrissado na mágica Salvador. Mas enquanto ela ainda via tudo sob a neblina do misticismo, da alegria superficial das pessoas, do tal *sou pobre, mas sou feliz*, a neblina que um dia também me cobriu os olhos havia se dissolvido, e agora via a pobreza que antes eu ignorava, as crianças cheirando cola, as favelas, edifícios dilapidados, o trânsito insuportável. Como era mais fácil viver em Munique, me peguei pensando e inevitavelmente comparando, sem essa miséria humana exagerada, onde os problemas se resumiam a coisas triviais como o aumento dos aluguéis ou o preço da cerveja da Oktoberfest, o que na perspectiva brasileira seriam consideradas irritações dignas de uma meme de Internet.

Nos misturamos na muvuca, a multidão vestida de branco em homenagem à rainha das águas, flores e balaios na mão, expectativa de agradar a deusa caprichosa. Melanie segurou minha mão com força, não por medo de se perder, mas pela emoção que a invadia, logo ela, uma alemã que todos pensavam ser fria tal qual peixe, até de nazi chamaram a pobre, que fingiu não ouvir. Mas que nada, se o povo soubesse do coração grande da galega, que bate no mesmo ritmo do batuque do Olodum, ninguém abriria a boca pra falar uma merda dessas. Tava ela ainda vendo a Bahia com olhos de menina, sem o constante alerta da violência, sem a paranoia do vaivém de lugares proibidos que eu, de repente medroso de plantão, temia. Com seu português meia-boca, mergulhava nas tradições sedutoras, e no seu olhar senti o mesmo brilho que eu tinha quando fui embora e me deixei perder nas eficiências alemãs.

Como é fácil se levar por um mundo onde tudo funciona nos conformes, ou pelo menos quase tudo, pois por lá também aprendi que perfeição não existe. Se no começo a arquitetura monumental me deixava extasiado, ao mesmo tempo que ainda me mantinha distante, mais ou

menos como admirar uma bela top model, mas saber no seu íntimo que ela nunca vai ser sua, aos poucos o gelo entre mim e Munique derreteu com a primavera. O verão acendeu uma paixão de tomar banho no rio Isar, assistir a concertos de música clássica ao ar livre, de andar de bicicleta, de passar uma tarde com os amigos num *Biergarten*, de fazer churrasco no parque, de tomar café da manhã na nossa varanda minúscula. Modestos prazeres sem frescura, sem se preocupar se fulano ou sicrano acharia coisa de pobre, sem o disse-me-disse, liberdade pra andar sem me preocupar se tal lugar seria perigoso ou não, liberdade pra colocar a roupa que estivesse afim ou ficar peladão mesmo, liberdade pra ser direto quando não gostasse de algo. Liberdade, mas preso à Melanie e de certa forma preso ao meu desejo, ou dever, de retornar à Bahia... duas coisas irreconciliáveis.

Sabia que a chegada do inverno aos poucos faria o caso de amor com Munique esmorecer, que as chuvas e a neve apagariam o fogo, é assim o ciclo da natureza. Quando a primavera viesse eu renovaria meus sentimentos e no verão estaria novamente apaixonado, as quatro estações de tal complexo caso de amor. Me lembrava do meu antigo amor pela Bahia, sempre constante, porque constante também é o sol e o calor, duas variáveis em Munique, mas ativos fixos em Salvador, e me perguntava se a Bahia seria como minha esposa, amor profundo, mas sem paixão, enquanto a Baviera seria minha amante, arrebatamento a cada encontro, mas sem a garantia de amor eterno. Mas até que ponto duraria esse coração dividido?

Enquanto eu me deliciava na tranquilidade bávara, Melanie, em contrapartida, sentia o ímpeto de explorar além das fronteiras da Baviera, talvez porque tendo nascido no bem-bom, onde – quase – tudo se consegue sem aquele esforço hercúleo, procurava ela por uma vida de altos e baixos, sem aquela mesmice, aquele futuro predestinado, aquela previsibilidade que, eventualmente, até os mais sossegados de repente se irritam e cobiçam alguma novidade que os tirem da rotina. Por isso viajam tanto os alemães, não encontrando aspectos de aventura em suas doces existências buscam eles o diferente, o exótico, abraçam o caos, nem que seja por duas semanas apenas.

Era ela quem me dizia, no ápice da minha confusão de sentimentos e sensações, da sombra que tomou conta de minha alma mesmo com aquele solzão, me assegurava que a gente ia ficar junto onde quer que o destino nos levasse, um romantismo jamais esperado numa alemã tradicional. Mas era assim o nosso amor, um casadinho de cores e sabores, todos os dias algo inesperado, um hobby que não imaginávamos ou um comportamento distinto, do ciúme quase latino de Melanie até a quietude que desenvolvi com o passar dos meses, sem mais aquela agonia de procissões, carurus, lavagens, sarapatéis, batucadas, forrobodós e arrasta-pés, minha vida numa deliciosa serenidade que talvez em Salvador nunca encontrasse, mas da qual também sentia uma falta do cacete.

E assim era minha Salvador, essa terra de gente com formiga no cu pra tudo que é pagode,

sambinha ou arrocha, onde o sol nos beija com intensidade todo santo dia, das tradições seculares em que eu sempre me fazia presente, um festival de vida porque sabedoria o baiano tem de viver. Não que o desalento não dê as caras, que as tragédias mundanas da miséria não façam esse povo sofrer, mas é como se o povo esquecesse desses detalhes nem que fosse por alguns instantes pra cair na farra, como se festa fosse também uma forma de celebrar santos e orixás. E era nessa magia onde minha alma se encontrava desde que nasci, mas fui pego de surpresa pela beleza de uma vida alternativa, um universo paralelo do contrário. E esse contrário, se antes dele eu fazia graça, submergi e lá fiquei algum tempo, para então voltar à superfície.

Ainda não sabia pra onde ir, que caminho tomar, o que fazer da vida, e a batalha de lugares, da esposa versus amante, vixe, comparação mais besta! Não me saía da cabeça, me deixava virado no cão. Sorria ao ver Melanie tão de bem com a vida, era como se ela tivesse encontrado o que procurou por tanto tempo, a quantidade de caos que precisava pra dar um zignal na sua vidinha preto-e-branco, a ingenuidade estrangeira de que a malandragem tupiniquim é uma conspiração. Me deixei levar pelo entusiasmo dela, mesmo que ainda não tivesse a oportunidade de passar uma tarde no banco pra pagar uma conta, justificar o voto no Colégio Eleitoral ou pra resolver qualquer perrengue, o que demorava séculos. Talvez quando a realidade batesse à porta Melanie saísse correndo de volta pra burocracia certinha, pra organização de tudo, pra previsibilidade da vida.

Mesmo ainda dependendo pra mim de tudo – afinal sem o tal do CPF mal se pode comprar qualquer coisa, brasileiro ainda sem entender que estrangeiro não tem CPF, caramba! – mesmo assim ela tirava de letra, o ir e vir com a baianada que sempre queria agradar a galega de sorriso malandro, talvez estivesse ela preparada pra lidar com as lerdezas, as ineficiências, as futilidades, a violência. Não sei, sentia medo do que aconteceria, do amanhã, de como esse amor se sustentaria, se não seria mais fácil cair de novo nos braços de Arlete ou alguém parecido, mas oxente, não queria... queria Melanie, aquela brancura de porcelana em contraste com o moreno, tudo tão diferente, uma descoberta a cada dia. Por ela valeria a pena desbravar mil invernos, neve no joelho e céu escuro, natureza morta e ventos gelados. Seria Melanie capaz de se despedir da vida previsível, da beleza das quatro estações? Taquicardia bateu ao pensar que talvez suas palavras fossem vazias de significado e vontade, mas nela uma aura parecia emanar, o sorriso não largava o rosto.

Cada vez mais perto do mar, apenas os atos de fé aliviavam o calorão que não tava mais acostumado, e me lembrei do porquê não queria esse ano participar do ritual que antes me era sinônimo de vida. Depois de andar os quilômetros entre o Comércio e a colina sagrada do Senhor do Bonfim naquela quentura do ó, de me misturar com o povão cantarolante, eu só sentia vontade de ir embora. E agora, na Festa de Iemanjá, a mais maravilhosa de todas, eu sentia medo de que esse mesmo sentimento estivesse presente, receoso de manchar as lembranças mais

lindas, preciosas de família e fé. Melanie insistiu, quando quer alguma coisa a galega não me deixa em paz, e assim fomos, pavor de que meu coração tivesse perdido pra sempre a cada passo, ao mesmo tempo que baixinho uma voz dizia, *loslassen*, Beraldo, deixa pra lá.

Avançamos na multidão, o povo cantando Caymmi, fechei os olhos em êxtase, aquela música me transportando para um passado sem-noção de nada, da fé que eu sabia ainda existir nos confins do peito, da beleza que é abstrair das exigências de uma vida racional, de se desligar das picuinhas, das eficiências, da tentativa humana de tudo querer controlar... Oxalá eu pudesse me reencontrar nas letras sábias do grande compositor, dos parágrafos deliciosos de Jorge Amado, de deixar de lado as exigências que não poderiam ser supridas pelos meus irmãos baianos, não porque são incapazes, mas porque não cabem nesse lugar, pelo menos não agora, e no agora tudo o que posso fazer é aceitar que assim é.

Estava ali o tal momento decisivo, esperado por longos dias, que me perguntei se jamais sentiria aquele reencontro de almas e raízes. A certeza do que me liga a essa terra falava então mais alto que exigências racionais, os defeitos da velha Bahia mais nítidos, porém não mais impedindo o meu amor incondicional, a minha saudade plena. Sabedor dos seus defeitos mais do que nunca, quem sabe o amor seria ainda mais verdadeiro, pensei.

Deixei meus pés sentirem a textura da areia, num eco do passado mexia os dedos dos pés feito uma criança, olhando pro traço verde e azul do mar. Seguindo minhas irmãs, logo Melanie entrou no mar e eu fiquei a olhar essa galega que carregava o mar nos olhos. Devagar como se estivesse entrando num templo, o que de fato estava, coloquei o balaio no oceano e deixei que as ondas o levassem. Já era fim de tarde, a luz laranja convergia nas águas, e eu, sem mais a zuada de dúvidas no coração, caminhei até o reduto de Iemanjá.

O mar me rodeou em boas-vindas como se a deusa das águas sussurrasse *Herzlich Willkommen*, Beraldo, e ali aceitei a dualidade de meu amor, talvez não mais tão óbvio, mas ainda ali, tão forte e verdadeiro como uma macumba das boas. A água salgada purificou meu coração das coisas não importantes como se o sal todas as dúvidas levasse, as perguntas se dissolviam, me sentindo em casa novamente, a sensação de pertencer da qual tanto precisava, tava tudo de volta, meu coração abraçando mais um milagre na terra dos orixás, quem diria...

Agradecimentos

Essas histórias jamais seriam escritas sem o apoio incondicional de meu marido, Jin-Ha, que mesmo sem conseguir ler os meus escritos acreditou na minha capacidade e no meu desejo de tornar-me escritora, me apoiando sempre.

Agradeço a meus pais e minhas irmãs, por simplesmente acreditarem no meu talento e me motivarem a seguir em frente.

Aos amigos Melanie Hippler e Jair Lopes pelas sugestões honestas e o constante apoio. Às amigas Ana Taborda, Danielle Beltrão, Tatiana Brandão, Timila Bueno, Ulla Biener e Val Kirschner pelo suporte e motivação em momentos de insegurança.

À equipe maravilhosa da Editora Pendragon pela confiança nesse trabalho. Como é bom trabalhar com pessoas que amam a literatura!

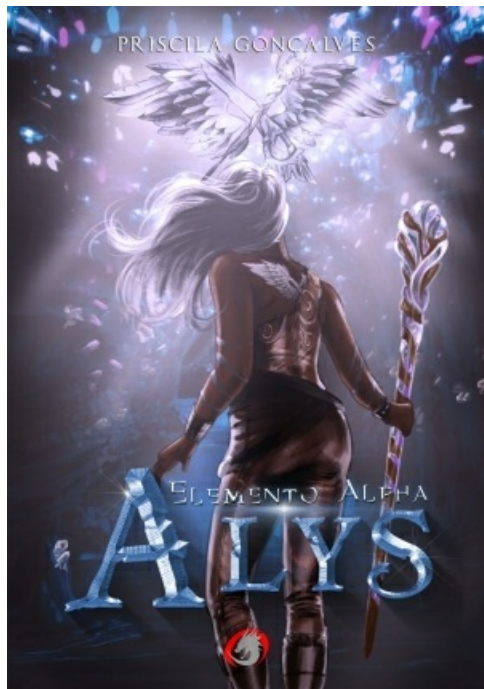
E a você, querido leitor, que chegou até o fim de minhas histórias. Espero que os contos tenham despertado inspiração e reflexões. Obrigada pela leitura!



**Editora
PenDragon**

Conheça nosso catálogo.

Vendas: www.editorapendragon.com.br



ALYS

Gonçalves, Priscila

9788569782872

354 páginas

[Compre agora e leia](#)

Alys era só uma garota supervalorizando seus pequenos problemas adolescentes. Até que uma simples incursão abriu mais que o mundo que ela desejava conhecer. Abriu os seus olhos pra verdadeira natureza dos metais Nifrity e as responsabilidades de ser a única pessoa capaz de mantê-los em segurança. Agora, ela precisará desenrolar o emaranhado de segredos em que sua vida foi mantida, aprender a dominar seus poderes e encontrar seu guardião antes que a escuridão chegue. Uma aventura fantástica repleta de mistérios, aprendizado e superação, que levarão uma garota a se transformar em uma guerreira e encontrar o seu lugar no mundo.

[Compre agora e leia](#)



Erros... Nas Entrelinhas

Ripardo, Brenda

9788569782537

340 páginas

[Compre agora e leia](#)

Samantha é capitã do time das líderes de torcida e namora Devin, o quarterback do time de futebol. Mas para ela, as coisas não haviam sido fáceis, já que era o tipo de garota invisível. Logo no primeiro dia de aula ela conhece Benjamin, um garoto recém-chegado na cidade, cujo contato inspirador, desperta novamente nela o amor pela música, que há anos permanecia adormecido. Benjamin é diferente, envolvente, e faz com que os sentimentos de Samantha em relação a ele cresçam, e embora ela tente lutar contra isso, o destino parece sempre querer uni-los. O intenso envolvimento de ambos a deixa certa de que ele é o seu verdadeiro amor. Entretanto, nada parece estar a salvo, pois Samantha acaba cometendo erros e ferindo os sentimentos das pessoas que a cercam. Ela terá como lição que os segredos nem sempre estão seguros e que tomar certas decisões, podem trazer sérias consequências.

[Compre agora e leia](#)



Lendárias

Angel, Cristy S.

9788569782575

212 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em sua busca pela libertação de uma maldição, Kahlan, a líder das lendárias, é capturada pela legião em uma emboscada para ser levada ao rei das terras do norte. Na jornada, repleta de perigos e segredos através da floresta negra, têm seus poderes removidos por um bracelete mágico. Enquanto isso, o restante de seu clã guerreiro terá de decidir se partirá em sua busca ou se desvendará um novo mistério no forte das bruxas. Nesse meio tempo, a jovem e encantadora Líder é levada como prisioneira pelo comandante da legião, o belo Lian Ruthven, mas o que ambos não sabem, é que seus destinos estão mais ligados do que poderiam imaginar.

[Compre agora e leia](#)



A Casa das Hostesses

Felipe, Déborah

9788569782407

158 páginas

[Compre agora e leia](#)

O que você faria se tudo o que planejou para a sua vida desmoronasse em um segundo? Para onde iria quando seu coração é partido e nada mais parece verdadeiro? Quem buscar quando você busca aconchego e conforto numa noite de tempestade? As hostesses podem cuidar de você... A Casa das Hostesses não se parece com um lugar que Souji frequentaria normalmente. A música é muito alta, as pessoas parecem menos inibidas, as luzes dançam muito rápido, as bebidas se parecem mais com poções mágicas... e as garotas... bom, ele não sabe ao certo como é que um trabalho como aquele funciona. Mas aquele lugar misterioso surgiu em seu caminho como se fosse um encontro marcado pelo Destino... Takeshi Souji sempre conduziu sua vida sobre três pilares: seu trabalho na empresa Takeshi, que um dia será sua; seu noivado com Juury, sua namorada do colégio e seus amigos de infância. Porém, dois desses pilares desmoronam quando ele descobre que sua noiva tem um caso com seu pai, deixando-o completamente sem chão. A Casa das Hostesses é um prédio de aparência antiga que germina como se fizesse parte do solo. Ninguém perceberia aquele lugar se não o estivesse procurando, e talvez isso faça parte de seu charme, como um lugar que sabe exatamente quem deseja conhecer a cada noite, como se fosse uma das hostesses que trabalha ali... A todos que estão para conhecer esse novo mundo... Sejam bem-vindos à Casa das Hostesses.

[Compre agora e leia](#)



Fey: O Enigma de Ur

Matos, Josué

9788569782551

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma jovem garota órfã acorda em um quarto de hospital sem saber o que lhe aconteceu. Em determinados momentos ela se vê em meio a uma rede de intrigas na ONG da qual faz parte. Em outros momentos é atormentada pelo mistério de uma runa que surge em seu braço. Confusa, não distingue o real do imaginário, e se vê perdida e sozinha. Sem saber, carrega um enorme fardo sobre suas costas, o futuro da humanidade. Para salvá-la, ela precisará superar os obstáculos da vida; não sucumbir ao mal; acreditar, mesmo nas horas mais difíceis; não perder a esperança, mesmo sabendo que não há saída; não perder a fé, mesmo quando tudo estiver perdido; pois, quando menos esperamos, milagres acontecem. Junte-se a ela nessa busca. Sinta seu medo, apreensão e coragem. Uma aventura sem igual que vai lhe questionar o que é real ou fictício. Um belíssimo romance agnóstico que o fará repensar suas atitudes e postura perante o mundo.

[Compre agora e leia](#)